UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO– PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Mestranda
JUSCILENE SILVA OLIVEIRA

Orientador
Prof. Drº. ADENILSON SOUZA CUNHA JUNIOR

O fenômeno da juvenilização da EJA na rede municipal de educação de Itapetinga-Ba

Vitória da Conquista - Ba
Março /2020

JUSCILENE SILVA OLIVEIRA

O fenômeno da juvenilização da EJA na rede municipal de educação de Itapetinga-Ba

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Educação - PPGed da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb para Obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação
Orientador: Prof. Dr. Adenilson Souza Cunha Júnior

Vitória da Conquista - Ba
Março /2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

O48f

Oliveira, Juscilene Silva.

O fenômeno da juvenilização da EJA na rede municipal de educação de Itapetinga - Ba. / Juscilene Silva Oliveira, 2020.

78f.

Orientador (a): Dr. Adenilson Souza Cunha Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2020.
Inclui referência F. 72 – 74.
1.Educação de Jovens e Adultos. 2. Adolescentes – Inserção nas escolas da EJA. 3. Juvenilização da EJA – Itapetinga - Ba. I. Cunha Júnior, Adenilson Souza. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação. T. III.

CDD: 374

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

JUSCILENE SILVA OLIVEIRA

O fenômeno da juvenilização da EJA na rede municipal de educação de Itapetinga-Ba

Dissertação de Mestrado apresentada por Juscilene Silva Oliveira ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em 27 de março de 2020 pela banca examinadora constituída pelos doutores:

_____

Prof. Dr. ADENILSON SOUZA CUNHA JUNIOR
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Orientador

_____

Prof. Dr. LEÔNCIO JOSÉ GOMES SOARES
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Examinador Titular Externo

_____

Prof.ª Drª DENISE APARECIDA BRITO BARRETO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Examinadora Titular Interna

À minha Mãe, Ao Meu Pai.

No silêncio da saudade percebo o quanto a presença de vocês foi importante para minha vida.

AGRADECIMENTOS

"Gratidão é o segredo. Tanto pelas coisas boas que aconteceram, quanto pelas coisas que no final viraram lições."

Autor desconhecido.

Deus é o dono de tudo, devo a Ele a oportunidade de viver e chegar onde cheguei. Muitas pessoas tem a mesma capacidade, mas a oportunidade Ele deu a mim. Então, só tenho que agradecer.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, Profº. Drº. Adenilson Cunha Júnior, pela paciência e dedicação.

Ao meu querido e amado esposo Edson Soares de Lima, que nas horas de angustia me acolheu com seu mais sincero amor e, nas horas de tristeza ou alegria, esteve sempre comigo. Te amo. Sua força foi meu alicerce.

À minha família: irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas (desculpem, são tantos que não tenho como citá-los individualmente): Vocês são preciosos para mim e não sabem o quão bem me faz saber que posso contar com vocês. Juju, Lukinha, Jonas, Deco, Digão, Júnior, Nina, Rapha, Dan – meus tesouros.

Aos meus sobrinhos do coração, Mariana e Enrico, que na inocência de criança me fortaleceram a cada dia da minha jornada e a seus pais pela confiança.

Às minhas colegas de estrada: Priscila, Julita, Lene e Vitória pela força e resignação compartilhada e aos colegas de mestrado, em especial aos colegas do Convênio Itapetinga: Nós conseguimos.

Aos meus colegas do Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão pelo incentivo e compreensão, especialmente a toda galerinha do noturno que torciam por mim a cada dia.

Aos professores do PPGEd/UESB, pelo conhecimento compartilhado e em especial ao Profº Drº Cláudio Nunes pela dedicação e aos professores Dr. Leôncio Soares e Dra. Denise Barreto que se dispuseram a fazer parte das bancas de qualificação e de defesa contribuindo muito para conclusão deste trabalho.

À Secretaria Municipal de Educação de Itapetinga-Ba por ter proporcionado a realização deste curso.

A todos vocês, a palavra AGRADECIMENTO ainda é pouco. Muito Obrigada.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de produções científicas com o descritor “juvenilização da EJA” ...08
Tabela 2 – Dissertações e Teses defendidas sobre Juvenilização da EJA 09
Tabela 3 – Número de matrículas efetuadas na EJA no município de Itapetinga-BA – Censo Escolar 2010 a 2018 30
Tabela 4 – Número de alunos matriculados na EJA por ano nas instituições escolares objeto desse estudo. 31
Tabela 5 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – Escola Manoel Novais. 32
Tabela 6 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – Colégio Paulo Hagge. 33
Tabela 7 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – C.E.C. José Marcos Gusmão. 35
Tabela 8: Transcrições das respostas à entrevista: 37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos jovens de 15 a 29 anos por condição de estudo e ocupação 12/13

Gráfico 2: Faixa de idade dos alunos pesquisados 36

Gráfico 3: Alunos pesquisados por sexo. 36

Gráfico 4: Número de desistências, reprovações e casos de indisciplina registrado nos históricos dos alunos pesquisados por escola. 43

Gráfico 5: Número de alunos matriculados na EJA por escola/ano, com idade entre 15 e 18 anos. 53

Gráfico 6: Número de alunos matriculados por faixa etária/ano/escola. 54

Gráfico 07: Relação entre o número de reprovações, abandonos e transferências dos alunos entrevistados. 67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do Município de Itapetinga –Ba 29
Figura 2: Escola Manoel Novaes 32
Figura 3: Colégio Paulo Hagge (CAIC). 33
Figura 4: Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão. 34

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

C.E.C.J.M.G – Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão

CAIC – Centro de Atenção Integrada à Criança

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAQi - Custo Aluno Qualidade Inicial

CEB – Câmara de Educação Básica

CEUs - Centros de Artes e Esportes Unificados

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONFINTEA - Conferência Internacional de Jovens e Adultos

CPACEB - Comitê Permanente de Avaliação de Custos da Educação Básica

D - Doutorado

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEJAS – Encontro nacional de educação de jovens e adultos

FEPESP - Federação dos Professores de São Paulo

FUNDEB - Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica

FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia

ID Jovem – Identidade jovem

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

M - Mestrado

MEC – Ministério da Educação

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA - Movimento de Alfabetização

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PPA - Plano Plurianual

PPGEd - Programa de Pós-Graduação em Educação

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica

PROJOVEM - Programa Unificado de Juventude

PRONACAMPO - Programa Nacional de Educação do Campo

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFM - Universidade Federal do Maranhão

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UFP - Universidade Federal do Pará

UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UNINOVE - Universidade Nove de Julho

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

RESUMO

OLIVEIRA, Juscilene Silva. O fenômeno da juvenilização da EJA na rede municipal de educação de Itapetinga-Ba. 2020. 79 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. 2020.

Este estudo tem por finalidade compreender o fenômeno da juvenilização da EJA no município de Itapetinga-Ba, analisando como ocorre o processo de inserção de adolescentes cada vez mais jovens nas escolas da EJA. A pesquisa tem como ponto norteador a questão: "O que tem levado jovens, cada vez mais jovens, a buscarem a EJA como segmento de educação?". A metodologia utilizada foi a fenomenológica com abordagem qualitativa. Para a pesquisa foi realizada análise dos dados obtidos através dos livros de registro de matrícula das três escolas onde são oferecidas as turmas da EJA em Itapetinga, uma entrevista semiestruturada realizada junto a 15 alunos matriculados nas três escolas estudadas e a análise dos históricos escolares desses alunos. Observou-se o cotidiano sociocultural dos sujeitos, assim como o seu ambiente familiar, com enfoque nas práticas educativas e nas suas expectativas. Foi realizado um diálogo com diversos autores da literatura referente a EJA, tais como: Leôncio Soares, Maria Clara Di Pierro, Sérgio Haddad, Miguel Arroyo e outros. Ainda, utilizamos pesquisas acerca da juvenilização, além de textos de Leis, Pareceres e Resoluções que regulamentam a educação no Brasil. Constatamos que o número de adolescentes matriculados na EJA, na cidade de Itapetinga-Ba, vem aumentando por motivos variados, entre eles, destacamos: a legislação que fixa a idade máxima para certificação em 15 anos no Ensino Fundamental II e contribui para que os adolescentes acima dessa idade não tenham suas matrículas aceitas nesta modalidade de ensino; as trajetórias escolares marcadas por reprovações, que facilitam o encaminhamento de jovens cada vez mais jovens para a EJA e o baixo nível de escolaridade dos pais, que dificulta a implementação de práticas de escolarização permanente em seus filhos. Ao dar voz aos jovens adolescentes da EJA no município de Itapetinga, buscamos contribuir para uma melhor compreensão das suas culturas juvenis e melhorar a relação escola / jovem.

Palavras-chave: Adolescentes, Educação de Jovens e Adultos, Juvenilização,

ABSTRACT

OLIVEIRA, Juscilene Silva. The phenomenon of Juvenization EJA in the municipal education network of Itapetinga-Ba. 2020. 79 f. Thesis (Master's degree). Graduate Program in Education - State University of Southwest Bahia. Vitória da Conquista. 2020.

This study aims to understand the phenomenon of youth EJA in the city of Itapetinga-Ba, analyzing how the process of insertion of increasingly young adolescents in EJA schools occurs. The research is guided by the question: "What has led young people, increasingly younger, to seek EJA as an education segment?" The methodology used was phenomenological with a qualitative approach. For the research, an analysis was made of the data obtained through the registration books of the three schools where the EJA classes are offered in Itapetinga, a semi-structured interview conducted with 15 students enrolled in the three schools studied and the analysis of the students' school records. The subjects' sociocultural daily life was observed, as well as their family environment, with a focus on educational practices and their expectations. A dialogue was held with several authors of the literature regarding EJA, such as: Leôncio Soares, Maria Clara Di Pierro, Sérgio Haddad, Miguel Arroyo and others. In addition, we use research on juvenilization, in addition to texts of Laws, Opinions and Resolutions that regulate education in Brazil. We found that the number of adolescents enrolled in EJA, in the city of Itapetinga-Ba, has been increasing for various reasons, among them, we highlight: the legislation that sets the maximum age for certification at 15 years in Elementary School II and contributes so that teenagers above that age do not have their enrollments accepted in this type of education; the school trajectories marked by failures, which facilitate the referral of increasingly young people to EJA and the low level of education of parents, which makes it difficult to implement permanent schooling practices in their children. By giving a voice to young EJA teenagers in the municipality of Itapetinga, we seek to contribute to a better understanding of their youth cultures and to improve the school / youth relationship.

Keyword: Adolescents, Education for Youths and Adults, Juvenization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**
CAPITULO 1 : A JUVENILIZAÇÃO DA EJA **7**
1.1 LEVANTAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS EM RELAÇÃO AO DESCRITOR JUVENILIZAÇÃO 8
1.2 PRODUÇÕES ACADÊMICAS ENCONTRADAS.....9
1.3 UM HISTÓRICO SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE 15
1.4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....18
1.5 OS JOVENS E A EJA 25
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA **29**
CAPÍTULO 3: O PROCESSO DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA-BA **36**
3.1 ESCOLA MUNICIPALIZADA MANOEL NOVAES.....39
3.2 COLÉGIO PAULO HAGGE (CAIC) 40
3.3 CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL JOSÉ MARCOS GUSMÃO 41
3.4 O QUE TEM LEVADO JOVENS, CADA VEZ MAIS JOVENS, A BUSCAREM A EJA? Entrevista com alunos das três escolas pesquisadas. 42
3.5 INDICATIVOS OBSERVADOS NOS HISTÓRICOS ESCOLARES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS 50
CAPÍTULO 4 - UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA-BA **50**
4.1 DADOS DO NÚMERO DE ADOLESCENTES MATRICULADOS NA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA. 51
4.2 UMA ANÁLISE DAS FALAS DOS JOVENS SOBRE A EJA: Dando voz aos jovens da EJA. 54
4.3 ANÁLISE DOS DADOS DOS HISTÓRICOS ESCOLARES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS 65
CAPÍTULO 5 - "CONSIDERAÇÕES *IN*CONCLUSIVAS", ... **68**
REFERÊNCIAS **71**
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **74**
APÊNDICE 2 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE **76**
APÊNDICE 3 – QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA **77**

INTRODUÇÃO

A busca pelo conhecimento é uma das maiores necessidades dos seres humanos e, quando por algum motivo, esse lhe é negado, fica um vazio, uma lacuna. A significação simbólica do saber ler e escrever é ainda mais evidente no adulto ou no indivíduo que passa por esse aprendizado tardiamente. Nesse contexto, lembro-me do primeiro contato que tive com a educação para pessoas jovens e adultas, no início da década de 1980, quando acompanhava minha mãe nas aulas do antigo MOBRAL[1] e ajudava a professora da turma com as atividades dos alunos. Nessa época, a classe era formada exclusivamente por adultos e idosos que constituíam a maioria dos alunos na sala de aula. A grade maioria deles vindos da zona rural da cidade e que nunca tiveram contato com o saber escolar. Uma nova aproximação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocorreu no ano 1998, quando fui lecionar em uma escola noturna da periferia da cidade. Nessa ocasião, pude observar que o público desse segmento de ensino vinha sofrendo mudanças – entre os alunos adultos e idosos, alguns poderiam ser considerados muito jovens para estarem inseridos naquela classe; eram os jovens-jovens, que ainda estavam na adolescência.

Essa primeira experiência como docente da EJA durou até 2002, quando me licenciei da Secretaria Municipal de Educação de Itapetinga para cursar mestrado em Produção Animal na Universidade Federal do Ceará. Após o retorno, fui designada para uma escola de ensino regular no turno vespertino e, em seguida, para assumir a Secretaria do Departamento de Cultura do Município.

No ano de 2006, retomo minhas atividades docentes em salas de aula de educação de jovens e adultos, e percebo que a mudança de público desse segmento havia sido drástica: a maioria dos alunos nas salas de aula era de jovens adolescentes, com 15 anos ou mais, transferidos a esse segmento de ensino, principalmente, por ter um histórico de fracasso escolar no ensino regular, ou quando a diferença entre a idade do aluno e a idade prevista para a série não são compatíveis e/ou por já ter completado os 15 anos de idade.

Em 2007, fui convidada a participar da formação de alfabetizadores do Programa Todos Pela Alfabetização do Governo da Bahia, o que me levou a percorrer 13 cidades da região do médio sudoeste baiano, visitando as salas de aula que faziam parte do projeto de erradicação do analfabetismo adulto. Durante os cinco anos que desenvolvi esse trabalho,

[1] MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado em 1968 pelo Regime Militar em substituição ao método de alfabetização de adultos preconizado por Freire. Extinto em 1984.

notei que o público que buscava o programa era parecido com aquele do meu primeiro contato nos tempos do Mobral. O comum entre todos os públicos era que a exclusão educacional era evidente nesses indivíduos que buscavam, no segmento da EJA, sua inserção em uma sociedade que estava cada vez mais valorizando o conhecimento acadêmico em relação ao saber empírico.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um segmento de ensino da educação básica voltada para adultos que não completaram ou abandonaram a educação formal. É uma prática que deve levar os adultos a se envolverem em atividades de autoeducação a fim de obter novas formas de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, oferecendo conteúdos direcionados ao seu dia a dia, trabalhando com temas com os quais estão vivenciando, podendo, assim, aliar os seus conhecimentos com os que a escola possa lhes oferecer. É um segmento que tem suas origens na educação popular, que historicamente se desenvolveu nas localidades onde a exclusão social, educacional e econômica estão mais presentes.

Essa exclusão foi, ao longo do tempo, se acentuando, visto que para a inserção do indivíduo como ser produtivo não bastava apenas saber o ofício, mas também o processo de instrução formal. Assim, a EJA se apresentou como uma alternativa para aqueles que necessitavam se inserir no mundo do trabalho e que não tiveram acesso ou não concluíram a formação básica escolar, com pouca disponibilidade de tempo para o estudo, histórico de fracassos escolares anteriores e várias repetências; sendo também que os jovens e adultos que retornavam à escola eram, na maioria das vezes, advindos de uma trajetória de vida repleta de exclusão socioeconômica e de seus direitos básicos.

Nos últimos tempos, o mundo globalizado, o avanço das tecnologias, das mídias e redes sociais têm tornado mais fácil o acesso às informações e aos conteúdos escolares, trazendo-os de forma mais dinâmica e prazerosa – especialmente aos jovens. E, apesar de ter um caráter inclusivo, a EJA ainda não tem atraído, de forma eficaz, esse público que, pelos mais variados motivos, tem, em sua trajetória de vida, um episódio de exclusão escolar.

Com isso, o histórico de fracasso escolar se mostra vinculado também a um processo exclusão social e se tornou um entrave para o desenvolvimento fatia da população mais carente, levando, por sua vez, a exclusão escolar a índices cada vez mais elevado, denunciando a falta de cidadania educacional negada a um grande número de pessoas.

Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.127), “[...] a partir dos anos 1980 os programas de escolarização de adultos passaram a acolher um novo grupo social constituído por jovens de origem urbana, cuja trajetória escolar anterior foi malsucedida [...]”.

Esses jovens fazem parte de turmas com outros alunos adultos, muitas vezes, com

idade para serem seus pais ou avós. Nessa heterogeneidade, é comum vivenciarmos o conflito geracional. Isso porque, apresentam valores e formas de observar a escola bem diversa daquela apresentada pelos alunos com maior idade. Enquanto o adulto, normalmente, espera por uma aula na qual o professor assume um papel central, de detentor do conhecimento, o jovem tende a mostrar-se de forma mais questionadora, com críticas aos valores da escola e das gerações que lhe antecederam, o que comumente resulta em conflitos difíceis de administrar.

Além disso, os motivos que levam os jovens a procurarem a EJA são bem diferentes daqueles buscados pelos adultos. Esses motivos passam desde a busca pela preparação para o mundo do trabalho, ao sonho de cursar uma universidade e até mesmo para manutenção de benefícios sociais, como o Bolsa Família, que exige frequência escolar aos menores de 17 anos.

Essa nova realidade exige também um novo olhar em relação a EJA, especialmente no que diz respeito aos seus conteúdos e objetivos, que devem primar também pela inserção e participação social, proporcionar aos jovens o conhecimento por seus direitos e a busca pela cidadania, o que consequentemente levará ao fortalecimento da democracia. A ideia de uma EJA voltada quase que exclusivamente para a aprendizagem do trabalho deixa de ser a ideal; e conteúdos da aprendizagem chamada regular e da contemporaneidade devem ser inseridos em busca de um equilíbrio, visto que os jovens já representam um contingente significativo nesse segmento de ensino; e a crescente procura desses jovens pela EJA ocasionou à esse segmento de ensino o fenômeno da juvenilização.

Juvenilização é a procura incessante pela juventude de alguma atividade, neste caso, é o rejuvenescimento da população que frequenta a EJA, “é a presença significativa de jovens, especialmente adolescentes, resultado de uma migração do ensino regular para o ensino da EJA” (DUARTE 2015, p 109).

Esse processo vem sendo, nos últimos anos, alvo dos estudos de muitos pesquisadores que voltaram suas atenções a essa temática. Essa nova realidade tem atingido também, nos últimos anos, a EJA, na cidade de Itapetinga, em virtude de um crescimento significativo de jovens, especialmente os de baixa renda e com faixa etária entre 15 e 17 anos, que procuram esse segmento educacional na cidade[2].

Através do estudo dos registros de matrículas escolares da cidade, constatamos que vem aumentando o número de adolescentes matriculados na EJA, e os motivos são

[2] Fonte: Registro de matrícula das escolas municipais de Itapetinga nos anos de 2015 a 2018.

diversos. Dentre eles, destacamos: a legislação que fixa a idade máxima para certificação em 15 anos no Ensino Fundamental II, e contribui para que os adolescentes acima dessa idade não tenham suas matrículas aceitas nesse segmento de ensino; as trajetórias escolares marcadas por reprovações, que facilitam o encaminhamento de jovens cada vez mais jovens para a EJA; e o baixo nível de escolaridade dos pais que dificulta a implementação de práticas de escolarização permanente em seus filhos. Esses e outros fatores apontam para a exclusão cada vez mais precoce do aluno (a partir dos 15 anos de idade) que não se enquadra nos modelos propostos pelo Ensino Fundamental II.

A maioria desses alunos vem de zonas periféricas da cidade, onde a renda familiar é extremamente baixa e a violência e o comércio de drogas acabam ocupando o espaço deixado pelo poder público.

Para o estudo dos registros de matrícula, foram utilizados, além dos livros de registros das escolas, os dados dos censos escolares disponibilizados pelo INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira referentes ao período de 2010 a 2018. O Censo Escolar é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional realizado todos os anos e coordenado pelo Inep. Ele é feito com a colaboração das secretarias estaduais e municipais de Educação e com a participação de todas as escolas públicas do país. Trata-se do principal instrumento de coleta de informações da educação básica que abrange as suas diferentes etapas e segmentos: ensino básico (educação infantil e ensinos fundamental e médio), educação especial e educação de jovens e adultos (EJA).

Neste trabalho, intitulado: O fenômeno de juvenilização da EJA na Rede Municipal de Educação de Itapetinga-BA, objetivamos analisar esse fenômeno em nosso município. A questão que orienta a pesquisa parte da seguinte pergunta: “O que tem levado jovens, cada vez mais jovens, a buscarem a EJA como segmento de educação?”

No capítulo 1, denominado “Juvenilização da EJA”, buscamos identificar os diversos estudos feitos com o tema na Educação de Jovens e Adultos.

No capítulo 2, intitulado: “Metodologia”, procuramos construir uma orientação metodológica para análise dos dados, desenvolvendo um diálogo com alguns autores do campo do método em educação. Optamos por desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativa, visto que acreditamos ser esta mais apropriada para os exercícios na área de educação pois circula apenas em torno daquilo que se deseja compreender, “surgem menos como opositoras às pesquisas empíricas que como uma outra possibilidade de investigação” (ESPÓSITO, 1995). E, assim, os dados oriundos dos documentos de matrícula das escolas municipais existentes na sede do município não serão o simples propósito da pesquisa, mas os

desdobramentos e situações ocultadas nesses dados que revelarão fenômenos encobertos neles, mas já perceptíveis na sua realidade. Com isso, a abordagem fenomenológica é a mais adequada ao tipo de pesquisa que propomos, visto "que a ênfase é posta na experiência viva, no mundo como ele é vivido. As experiências vividas combinam-se com as memórias, as percepções e as antecipações a cada momento" (MARTINS E BICUDO, 2005; p.80-1). Com isto, os caminhos metodológicos escolhidos marcarão o movimento de pensamento possibilitador do percurso.

No capítulo 3, denominado "O fenômeno da Juvenilização no município de Itapetinga-BA", demonstramos os dados obtidos na investigação da pesquisa, promovendo um diálogo com os pesquisadores da temática Juvenilização da EJA e autores clássicos da EJA, traçando um perfil do processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos no município de Itapetinga.

No capítulo 4, uma análise da Realidade da EJA no município de Itapetinga-Ba, serão abordados os resultados da pesquisa e realizada uma reflexão acerca destes resultados e dos seus possíveis desdobramentos. Também, traçaremos um diálogo com outros pesquisadores que estudaram o Fenômeno da Juvenilização nas diversas regiões do país.

No capítulo 5, "Considerações *In*Conclusivas", faremos os argumentos finais da pesquisa, sintetizando seus resultados e nossas percepções sobre eles.

O município de Itapetinga está situado na região Sudoeste da Bahia, distante 562 km da capital – Salvador. Segundo estimativa populacional do IBGE, sua população estimada em 2018 é de 75.470 habitantes, sendo assim, a 24ª cidade mais populosa da Bahia. O município é um dos mais urbanizados da Bahia, 97% da população moram na área urbana e apenas 3% na área rural. A economia itapetinguense é movimentada pela pecuária, frigoríficos, indústria de calçados e serviços, que tem 56,36% de participação na economia. Possui uma taxa de escolarização de 06 a 14 anos de idade, representando 96,8%[3].

A partir de 2015, seis (06) escolas de atendimento noturno foram reduzidas a dois grandes núcleos, atendendo, assim, em pontos extremos da sede e reduzindo o quadro de profissionais da EJA no município, como merendeiras, zeladoras, professores e vices diretores. A nucleação ficou da seguinte forma: o Colégio CAIC Paulo Hagge passou a receber os alunos da Escola Clodoaldo Costa; o Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão (antigo C. E. C. Noralice Gusmão) recebeu os alunos oriundos das escolas: Sizaltina Silveira de Souza Fernandes, Nair Desquivel Jandiroba, Ismael Cruz e Maria Amélia; sendo

[3] Dados disponíveis no site no IBGE.

disponibilizado transporte escolar para locomoção dos estudantes, de seus bairros até os núcleos[4].

No ano de 2017, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.6. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava essa cidade na posição 198 de 417. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 85 de 417[5]. O município possui, atualmente, 33 escolas municipais de ensino fundamental, estando a maioria (25) delas situadas na zona urbana da cidade. Também, nesse mesmo ano, a escola Municipalizada Manoel Novais, localizada no bairro São Francisco de Assis, passou a receber alunos no segmento da EJA, no turno noturno, correspondendo ao ensino fundamental I e II.

Assim, a pesquisa será realizada em três escolas da Rede Municipal de Educação do Município de Itapetinga-BA, onde é oferecida o segmento de Educação de Jovens e Adultos, anos finais do ensino fundamental, situadas na sede do Município: 1 – O Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão, situado no bairro Otávio Camões, que recebe alunos principalmente dos bairros Américo Nogueira, Vila Erika (residenciais José Ivo e 12 de Dezembro), Quintas do Sul, Quintas do Morumbi, Camacã, Primavera, Nova Itapetinga, Clodoaldo Costa e Ecosane; 2 – Colégio Paulo Hagge, localizado na Vila Aurora, que recebe alunos dos bairros Clerolândia, Vila Izabel, Vila Suzano, Vila Rosa, Vila Sônia, Vila Riachão e Vila Maria; e 3 – Escola Municipalizada Manoel Novais, que atende alunos do Centro, do bairro São Francisco de Assis, do Camacã e do Clerolândia.

[4] Anexo da Lei Municipal 1275/2015, p.45
[5] Dados disponíveis no site do Censo escolar do INEP

CAPITULO 1: A JUVENILIZAÇÃO DA EJA

Diversos pesquisadores (Andrade, 2010; Conceição, 2014; Duarte, 2015; Marinho, 2015; Silva, 2015; Carvalho, 2017) têm demonstrado uma grande preocupação com a migração dos jovens adolescentes do ensino regular para a EJA e o choque cultural e educacional que isso tem provocado nesse segmento de ensino. Esse perfil do aluno da EJA, formado por jovens cada vez mais jovens, vem sendo confirmado por diversos autores, com os quais dialogaremos ao longo desse trabalho: Di Pierro (2001), Haddad (2000, 2001), Arroyo (2005, 2007, 2017), Spósito (2002), entre outros, que analisaram a crescente juvenilização da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, para abordarmos o tema "A Juvenilização na EJA", buscamos inicialmente investigar como essa temática vem sendo problematizada por autores que oferecem subsídios para compreender esse fenômeno e quais contribuições que as pesquisas trouxeram para essa área de conhecimento.

Procuramos nos concentrar num recorte temporal definido entre os anos de 2010 a 2018, para sistematizar e reconhecer os principais resultados das diversas investigação feitas ao longo desse período, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura, buscando detectar e discutir temas da pesquisa em juvenilização da educação de jovens e adultos no Brasil.

Para alcançarmos tais objetivos, vimos a necessidade de mapear, em um primeiro momento, a produção acadêmica da temática Juvenilização da EJA no âmbito nacional.

Como base de dados para a pesquisa, utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES[6]; a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia – IBICT[7]; o Portal de Periódicos da CAPES[8] e o Banco de Dissertações do Programa de Pós Graduação em Educação da UESB - PPGEd[9].

O critério utilizado na pesquisa foi o uso do termo "Juvenilização da/na EJA" em títulos, resumos e/ou palavras-chave, no período de 2010 a 2018. Tal período foi estipulado tendo em vista a promulgação da Emenda Constitucional 65/2010, que altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude; e da publicação da Resolução CNE/CEB

[6] http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/
[7] http://bdtd.ibict.br/vufind/
[8] http://www.periodicos.capes.gov.br/
[9] http://www2.uesb.br/ppg/ppged/?post_type=producao

03/2010, que Institui diretrizes operacionais sobre a idade mínima para a Educação de Jovens e Adultos.

A configuração da nomenclatura Juvenilização da EJA, mesmo não sendo recente, vem tomando proporções desafiadoras na atualidade.

Esse processo tem preocupado docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos, especialmente no que diz respeito aos saberes e conteúdos que devem ser tratados em sala de aula, visto que o próprio perfil do jovem-adolescente, principal público pesquisado, demonstra interesses diversos daqueles tratados em sala de aula com adultos e idosos, já que a educação de jovens e adultos, frequentemente, reconhece o educando enquanto trabalhador e remete às relações com o mundo do trabalho.

A pesquisa compreendeu trabalhos que abordam as concepções, metodologias e práticas de educação de pessoas jovens e adultas, envolvendo questões relativas à juvenilização, à formação dos educadores, ao currículo e ao ensino e aprendizagem das disciplinas que o compõem.

1.1 LEVANTAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS EM RELAÇÃO AO DESCRITOR JUVENILIZAÇÃO

Em relação ao descritor "Juvenilização da EJA", obtivemos os seguintes resultados nos bancos de dados pesquisados:

Tabela 1 – Quantitativo de produções científicas com o descritor "juvenilização da EJA" (2010 – 2018)

DESCRITOR	BANCO CONSULTADO	TESES		DISSERTAÇÕES		ARTIGOS	
		GERAL	TEMA	GERAL	TEMA	GERAL	TEMA
JUVENILIZAÇÃO DA EJA	IBICT	0	0	39	3	0	0
	CAPES	13	1	43	8	37	3
	PPGED	0	0	0	0	0	0

Fonte: Autoria própria

No período de 2010 a 2018 foram defendidas 56 teses e dissertações acadêmicas, tendo um claro predomínio das dissertações de mestrado, que constituem aproximadamente cerca de 76,78% das produções, enquanto que as teses de doutorado correspondem a 23,22% dessas produções acadêmicas. Em relação à produção de artigos publicados em periódicos, o

tema juvenilização foi bem mais rotineiro, entretanto, na área educacional, foram encontrados 37 artigos que discutiam a juventude e a educação.

Após esse levantamento, fizemos a apropriação dos títulos e resumos de todos os textos encontrados, para verificação da aproximação com o tema Juvenilização na/da EJA, sendo que uma dissertação e todos os artigos encontrados no tema foram lidos integralmente.

Das 13 teses encontradas, 01 (uma) possui aproximação com o tema. Já nos resultados das dissertações, apesar de aparentemente termos 82 (oitenta e duas) produções, após comparação entre os títulos, autores e resumos de cada uma delas, verificamos que, na verdade, foram apenas 43 textos, visto que aqueles encontrados na plataforma do IBICT já estavam incluídos na plataforma da CAPES, caracterizando duplicidade de informação, e destes, 08 dissertações com aproximação direta com a temática.

1.2 PRODUÇÕES ACADÊMICAS ENCONTRADAS

Das produções encontradas, destacaremos apenas aquelas que tem afinidade com o tema da juvenilização da EJA, visto que o estudo dessa temática é o principal objetivo deste trabalho.

Tabela 2 – Dissertações e Teses defendidas sobre Juvenilização da EJA (2010 A 2018)

UNIV.	NÍVEL	TÍTULO (AUTOR)	OBJETIVOS	RESULTADOS	DEFESA
UFRS[10]	D[11]	**Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**' (Sandra dos Santos Andrade – Orientação: Proa; Dra. Dagmar E. Meyer)	O foco da pesquisa volta-se para os múltiplos processos de ex/inclusão que levam um contingente expressivo de jovens a serem excluídos do ensino regular formal e a retornarem ou migrarem para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).	A EJA se configura como uma possibilidade de re-inserção ou lugar de migração de jovens pobres com defasagem idade/série ou com histórico de fracasso escolar. No entanto não representa garantia de permanência e, estar inserido na EJA não significa, necessariamente, estar incluído.	2010
UFPA[12]	M[13]	**ME JOGARAM AQUI PORQUE EU FIZ 15 ANOS" - Biopolítica da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Belém-PA (2010- 2013)**' (Letícia Carneiro da Conceição -	Análise da constituição da Educação de Jovens e Adultos enquanto política pública no Brasil, no estado do Pará e no município de Belém; compreender como se configura o jogo de forças modelador do atual	A partir das análises, percebeu uma descontinuidade das políticas públicas de EJA, marcadas pela ruptura e descontinuidade. Uma complexa teia de dispositivos disciplinares, processos de normalização e regulamentação configura a	2014

[10] UFRS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
[11] D: Doutorado - Tese
[12] UFP: Universidade Federal do Pará
[13] M: Mestrado - Dissertação

		Orientadora: Profa. Dra. Luiza Nakayama)	quadro de juvenilização e presença de grupos intergeracionais na EJA.	juvenilização da EJA em Belém. Na legislação educacional salienta-se e busca-se soluções para o problema proporcionado pela interpretação do próprio texto legislativo acerca das idades da EJA, mesmo a noção das idades em si.	
UFF[14]	M	**Entre nós e encruzilhadas: as trajetórias dos jovens de 15 a 17 anos na EJA em Angra do Reis**' (Leila Mattos Haddad de Monteiro Marinho - Orientador: Prof. Dr. Elionaldo Fernandes Julião)	Compreender como jovens, entre 15 e 17 anos, vivenciam a Educação de Jovens e Adultos e que significados ela tem para esses sujeitos.	É preciso garantir a oferta da EJA para os jovens, a partir dos 15 anos, para os adultos e para os idosos, entendendo como um direito subjetivo desses sujeitos, mas atentando para as diferentes necessidades de cada um desses grupos, considerando que "educação não é um adorno do espírito, mas um "instrumento de realização do homem" dentro de seu ambiente social".	2015
UNINOVE[15]	M	**Educação de jovens e adultos (EJA): um estudo sobre a inclusão de adolescentes no centro integrado de educação de jovens e adultos (CIEJA)** (Ana Luiza Bacchereti Sodero de Toledo – Orientação: Prof. Dr. Manoel Tavares Gomes)	Conhecer que razões levam estudantes adolescentes a sair da escola regular, principalmente no oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, e que perspectivas e expectativas levantam quando procuram matrícula no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – CIEJA.	Concluiu-se que a dificuldade de aprendizagem não é o estopim do processo chamado de juvenilização, que ele é consequência das condições encontradas pelo adolescente na escola regular. A procura pelo CIEJA vem da necessidade de uma formação mínima para o mercado de trabalho.	2017
UNIVALI[16]	M	**Juventude, educação e trabalho: um estudo sobre a juvenilização no CEJA de Brusque-SC**' (Olavo Laranjeira Telles da Silva – Orientação: Profa. Dra. Tânia Regina Raitz)	Essa pesquisa surgiu da necessidade de analisar o que está provocando o ingresso de muitos jovens, no CEJA de Brusque – SC, ou seja, investigar os fatores da "juvenilização" dessa modalidade de ensino, a partir das relações que se estabelecem entre juventude, educação, trabalho e futuro profissional.	O movimento atual de juvenilização mostra que os jovens vivem um processo de ir e vir no mundo do trabalho, em que novas exigências estão sendo postas e que a educação passa a ser fundamental para se inserir ou se manter no mercado de trabalho, para que esses jovens também sejam sujeitos do direito de aprendizagem ao longo da vida.	2015
UFMA[17]	M	**JUVENILIZAÇÃO NA EJA: significados e implicações do processo de escolarização de jovens São Luís**' (Carolina Coimbra Carvalho – Orientação: Profa.	Reconhecer e identificar o processo rejuvenescimento do público da EJA, no município de São Luiz - MA.	A análise dos dados indica que as matrículas de EJA, principalmente no 2º segmento do ensino fundamental, vem sendo compostas por um grande número de jovens entre 15 e 17 anos, com trajetórias escolares acidentadas, marcadas pela repetência e	2017

[14] UFF: Universidade Federal Fluminense
[15] UNINOVE: Universidade Nove de Julho
[16] UNIVALI: Universidade do Vale do Itajaí
[17] UFM: Universidade Federal do Maranhão

		Dra. Francisca das Chagas da Silva Lima)		evasão no ensino regular e, ainda, revela as perspectivas desses jovens com relação ao seu processo de escolarização.	
UERJ[18]	M	**Juvenilização na EJA: Reflexões sobre juventude(s) e escola no Município de Angra dos Reis'** (Marcelo Laranjeira Duarte – Orientação: Profa.Dra. Mônica Dias Peregrino Ferreira)	Refletir sobre as relações entre juventude(s) e escola no cenário educacional brasileiro, problematizando a posição da juventude neste sistema escolar, marcado por desigualdades e processos de exclusão, em especial, com os jovens das camadas populares.	Os resultados encontrados apontam que a Educação de Jovens e Adultos (principalmente o segundo segmento do Ensino Fundamental), da Escola pesquisada, vem sendo composta ao longo dos últimos dez anos por jovens estudantes (sendo maioria os de 15 a 17 anos) com passagens acidentadas (retenção e evasão) no ensino regular. Encontramos na formação discente da EJA, desta Unidade Escolar, um crescimento quantitativo de matrículas de alunos na faixa etária da juventude, indicando uma série de fatores relacionados ao processo de escolarização das classes populares.	2015
UNIRIO[19]	M	**Despeja na EJA: reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no município do Rio de Janeiro** (Amanda Guerra de Lemos – Orientação: Prof. Dr. Luiz Carlos Gil Esteves)	Discutir o processo de juvenilização da Educação e Jovens e Adultos (EJA) no município do Rio de Janeiro	Os resultados encontrados denunciam a utilização do PEJA predominantemente como política de correção do fluxo escolar, prática esta que concorre para tornar o Programa um mecanismo de legitimação dessa migração perversa.	2017
ULBRA[20]	M	**Identidades Juvenis e Práticas Culturais em uma Escola de Educação de Jovens e Adultos** **(**Rejane Sittoni Schutz – Orientação: Profa. Dra. IaraTatiana Bonin)	Identificar quais as práticas estão presentes no dia a dia dos jovens que foram inseridos precocemente na educação de jovens e adultos e o que essas práticas representam frente à escola.	Observou-se que os jovens possuem interesses e necessidades educacionais bem distintas daquelas elencadas pela escola, com vistas à educação de adultos e que um sistema educacional voltado à educação desses jovens é urgente.	2012
UFOP[21]	M	**Juvenilização Na Educação De Jovens E Adultos De Ouro Preto/Mg: Trajetórias E Perspectivas Dos Estudantes Mais Jovens** (Lorene Dutra Moreira e Ferreira - Orientação: Prof.ª. Drª. Rosa Maria da Exaltação Coutrim**)**	Conhecer melhor quem são esses sujeitos que se inserem na EJA precocemente e apreender as sutilezas dos processos de hierarquização, segregação e reprodução de desigualdades	Assim como os estudantes da cidade de Ouro Preto, milhões de outros jovens de 15, 16 e 17 anos de outras regiões do Brasil estão sendo transferidos para a EJA, e não podemos ignorar as condicionantes que se estabelecem nos processos das desigualdades educacionais como reiteração das desigualdades sociais.	2015

Fonte: Autoria Própria

[18] UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
[19] UNIRIO: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
[20] ULBRA: Universidade Luterana do Brasil
[21] UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto

Todos os textos analisados mostraram a grande preocupação dos pesquisadores com a migração dos jovens-adolescentes do ensino chamado regular para a educação de jovens e adultos, e o choque cultural/geracional e educacional que isso tem provocado nesse segmento de ensino.

Duarte (2015, p. 109) considera que "[...] a juvenilização pode ser percebida como o aumento do número de jovens na EJA, especialmente de adolescentes de 15 a 17 anos, mas também como a saída dos alunos de maior faixa etária (adultos e idosos) da modalidade[...]', consequentemente, transformando o perfil e a dinâmica do cotidiano da EJA.

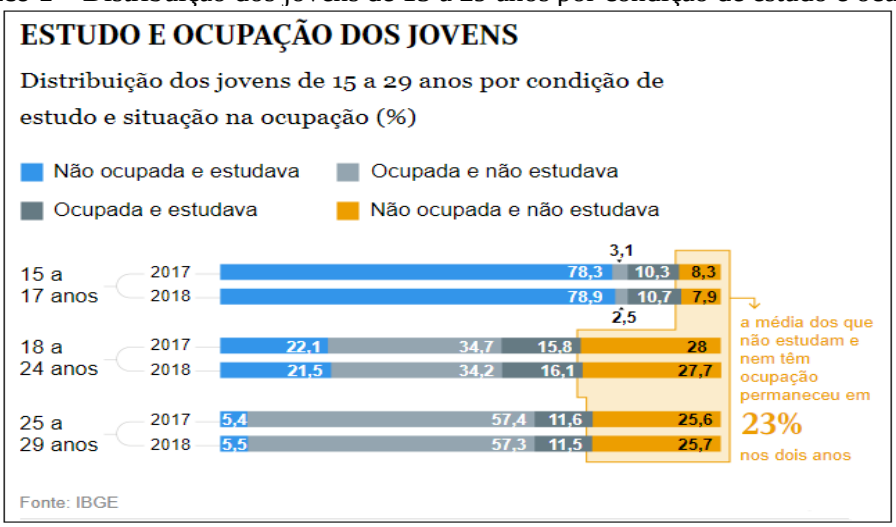
Outros fatores relatados pelos pesquisadores foi a publicação da Resolução CNE/CEB 03/2010 e a descontinuidade das políticas públicas educacionais no Brasil, que acabam por excluir os jovens do ensino regular.

Políticas públicas são programas ou projetos e ações voltados para setores específicos da sociedade, destinados à população, que se beneficia desse direito. Nesse aspecto, estamos nos referindo às políticas públicas destinadas aos jovens e adolescentes, que, no Brasil, quando são assistidos, isso ocorre eventualmente pelas políticas públicas gerais.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 47,3 milhões de pessoas de 15 a 29 anos, 23% não estudam e nem trabalham[22]. Esse número é maior entre as mulheres dessa faixa etária, com 28,4%. Já entre os homens, o índice é bem mais baixo, chegando a 17,6%.

Em uma comparação entre os anos de 2017 e 2018, o Instituto obteve os seguintes resultados:

Gráfico 1 – Distribuição dos jovens de 15 a 29 anos por condição de estudo e ocupação



Fonte: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao.html

[22] Dados referentes a 2018.

Esses resultados vêm demonstrar uma falta de interesse público para que esses jovens sejam inseridos como cidadãos de direito, além disso, essa exclusão afeta especialmente os sujeitos advindos das classes sociais mais baixas, dos bairros periféricos e com grande vulnerabilidade socio-econômico-cultural.

Historicamente, a juventude sempre foi marcada pela omissão do Estado brasileiro na promoção de Políticas Públicas. Somente em 1990, quando foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, regulamentado pela Lei 8.069/90, é que materializou-se algumas Políticas Públicas destinadas à população juvenil. Chegamos a essa constatação através dos estudos do histórico das Leis e Resoluções do Governo Federal que tratavam das políticas públicas para a juventude, que pouco efetivado ou simplesmente ignoradas ao longo dos anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê o fomento de várias políticas para os jovens, mas sua aplicação não é ainda uma realidade. Entre os principais problemas da juventude estão a gravidez precoce na adolescência, o alcoolismo, o uso de drogas, a violência praticada pelo tráfico e pelo Estado, a falta de cuidados básicos na saúde, condições precárias de moradia e alimentação.

Entretanto, Conceição (2014, p. 86) afirma que “Os sujeitos não são simplesmente vítimas de ações do poder oficial e sim parte ativa de uma rede dentro da qual misturam conceitos e tradições, ressignificando até mesmo a noção das idades em si.” Isso porque os jovens, apesar de atingidos diretamente pela exclusão causada pelas políticas públicas ou a falta delas, possuem características próprias da idade que formam a sua identidade diante do mundo que os cercam, diferentemente dos adultos, e possuem necessidades educacionais distintas destes.

E, nesse contexto, os jovens que chegam à EJA, com histórias de vida e escolar das mais diversas e que exigem igualdade social e educacional, em sua maioria, encontram-se sob o estigma da exclusão social e usurpados dos seus direitos à educação, chegando à EJA em situação de defasagem série/idade, vulnerabilidade social e econômica, amparados em subempregos ou desempregados.

Lemos (2017, p. 105) analisou o processo de “migração” de jovens de 15 e 16 anos do Ensino Fundamental sequencial para o Programa de Educação de Jovens e Adultos e verificou que estar na EJA, apesar de ser mais uma escolha de escolarização para os jovens, na prática, não existe escolha, pois, assim que completam 15 anos, estando matriculados na

escolarização regular sequencial, são transferidos para a EJA, denunciando a utilização desse segmento de ensino como política de correção do fluxo escolar.

Porém, a escola, especialmente a escola da EJA, apesar de ser denominada Educação de Jovens e Adultos, não está preparada para essa fatia da população, onde chegam, cada vez mais, jovens para esse segmento de ensino. Além disso, oferece a esse público uma relação intergeracional composta por currículos convencionais, que nada ou quase nada tem a ver com a realidade de vida desses alunos; professores despreparados para trabalhar com a condição juvenil na EJA e que não reconhecem e nem buscam as culturas juvenis como possibilidades de transformação socioeconômica e de aprendizagens para esses jovens, que buscam a EJA como alternativa de combate ao seu fracasso escolar anterior, demonstrando que, apesar dele, a escola ainda é importante.

O Brasil teve sua base social constituída através do processo colonizador cujos grupos dominantes mantiveram-se, ao longo da história, unânimes em preservar e garantir privilégios restritos aos seus pares. Os dominados, ou considerados inferiores, índios, negros escravizados, colonos e as gerações oriundas dos relacionamentos interraciais, estiveram relegados dos direitos, tantos civis quanto políticos e/ou sociais. Com isso, a exclusão social no Brasil se tornou um entrave para o desenvolvimento da maioria da população, levando especialmente a uma exclusão escolar de índice altamente elevado, denunciando a falta de cidadania educacional negada a uma parcela significativa da população.

Essa exclusão foi, ao longo do tempo, sendo evidenciada, uma vez que, para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho, não bastava apenas o saber empírico do ofício, mas também o processo de instrução formal, e essa realidade prevalece, pois, quanto menor o grau de instrução do indivíduo, maior será a sua dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Nesse contexto, a EJA deixa de ser apenas uma forma de escolarização para adultos trabalhadores e passa a receber os jovens que evadidos ou excluídos do ensino regular, trazem consigo uma gama de conhecimentos adquiridos no seu meio social e familiar.

Di Pierro (2001), enfatiza que:

> A educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar (DI PIERRO, 2001, p.58).

Esses conhecimentos, experiências e práticas trazidas pelos alunos, formam seu caráter e mostra seu modo de vida, que não tem relação direta com a vida escolar, entretanto, pode ser utilizado pelo profissional da EJA como forma de proporcionar um aprendizado mais condizentes com estes alunos e torna-los cientes que são sujeitos de direitos, garantindo especialmente o conhecimento pelo direito à cidadania e a manutenção da democracia.

O advento da juvenilização, exige-nos um novo olhar em relação à EJA, visto que os jovens já representam um contingente significativo nesse segmento de ensino. Costa (2009, p. 23) declara "[...] que a presença deles nas turmas de EJA deve ser considerada de forma muito particular [...]". Isso porque o jovem possui uma cultura própria que o diferencia dos adultos, principalmente nos dias atuais. Nos últimos anos, muitos pesquisadores voltaram suas atenções a essa temática, tentando buscar um indicativo de solução do problema, se assim o considerarmos, ou melhoria da qualidade do ensino dedicado a esses jovens.

1.3 UM HISTÓRICO SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE

Nos primeiros anos da ditadura militar, no período entre 1960 e 1970, o jovem não constituía uma categoria institucionalmente reconhecida, já que a Constituição de 1946 e a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 não lhes garantia direitos efetivos, pois favorecia a elitização das escolas e universidades. Esse senário sofre mudanças com o movimento estudantil que passa a ganhar voz na cena política brasileira a partir de 1964, com as manifestações contra o estado de exceção.

Em meados da década de 1970, início da década de 1980, a sociedade civil busca uma mudança na cena política do país através da redemocratização do Brasil. Com isso, o jovem deixa de ser apenas o estudante, a sociedade se volta para os jovens infratores, com necessidades especiais, os que precisam ser amparados, assistidos - a juventude brasileira passa a ser enxergada. Nesse período, o governo brasileiro pouco fez pelo social e a pressão popular o leva a promulgar, em 1988, a Carta Magna Constituinte, que passa a versar, entre outras demandas, sobre os adolescentes e jovens brasileiros.

O Brasil possui diversas Leis e diversos Programas de governo que buscam garantir os direitos básicos aos seus jovens. A Constituição brasileira de 1988, sobretudo, em seu artigo 227, em que se concentram muitos desses direitos constitucionais específicos, alterado pela emenda Constitucional 65/2010, que modificou a redação de muitos dos parágrafos e incisos desse artigo, e até mesmo do *caput*, incluindo o jovem no texto

constitucional, alargando a abrangência da lei, que antes protegia a criança e ao adolescente apenas; implicando em uma nova interpretação do dispositivo legal, pois instituiu os jovens como parcela da sociedade merecedora da atenção constitucional.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990, promulgado na perspectiva de efetivação de políticas públicas que garantam à criança e ao adolescente lugar de prioridade absoluta.

Criada em 2005 no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com o objetivo de promover pesquisas e diagnósticos sobre a juventude brasileira, além de elaborar, consolidar e executar as Políticas Nacionais de Juventude, a Secretaria Nacional de Juventude foi responsável pela elaboração do Estatuto da Juventude, instituído pela Lei n° 12.852/2013 e destinado a regular os direitos dos jovens, uma antiga demanda dos movimentos sociais de jovens do Brasil, que estabelece 11 direitos básicos dos jovens brasileiros: Direito à Diversidade e à Igualdade; Direito ao Desporto e ao Lazer; Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; Direito à Cultura; Direito ao Território e à Mobilidade; Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça; Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda; Direito à Saúde; Direito à Educação; e Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente.

Ainda, essa secretaria foi responsável pela criação e/ou execução de diversos programas de governo, voltados para a juventude brasileira, tais como: ID Jovem: documento digital criado pelo Governo Federal que faz parte da Lei da Juventude, com o intuito de garantir alguns benefícios a jovens de baixa renda como por exemplo, meia-entrada para eventos culturais e esportivos e vagas gratuitas e com descontos em transportes coletivos; Estação Juventude: programa que oferece diversos serviços para promover a inclusão e emancipação dos jovens com espaços espalhados pelo Brasil, que têm o objetivo de ampliar acesso dos jovens às políticas públicas; Juventude Viva: plano criado para reduzir a vulnerabilidade dos jovens em situações de violência física e simbólica, que busca superar a banalização da violência promovendo direitos da juventude, em especial, a juventude negra; Juventude Rural: programa que tem como objetivo incentivar a permanência da juventude no campo; CEUs: Centros de Artes e Esportes Unificados - integram num mesmo espaço programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital, para promover a cidadania em territórios de alta vulnerabilidade social das cidades brasileiras; Mais Educação: tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de

crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola; programas e políticas voltadas para a educação de jovens e adultos como: o PROEJA: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, no Segmento de Jovens e Adultos, que tem por objetivo oferecer oportunidade da conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio na idade regular; o PROJOVEM: Programa Unificado de Juventude que visa ampliar o atendimento aos jovens excluídos da escola e da formação profissional e foi criado a partir da integração de seis programas já existentes - Agente Jovem, Saberes da Terra, ProJovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica; o Primeiro Emprego: programa nacional de estímulo ao primeiro emprego para os Jovens, com ações dirigidas à promoção da inserção de jovens no mercado de trabalho e sua escolarização; Brasil Alfabetizado: voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos; a constituição dos FÓRUNS, os encontros do ENEJAS – Encontro nacional de educação de jovens e adultos, a realização da VI CONFINTEA em 2009, o Programa de Reinserção Social do Adolescente em Conflito com a Lei, o Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem, dentre outros, os quais foram fomentados pelo governo federal e pelos governos dos estados e municípios.

Porém, a promulgação de Leis e o desenvolvimento de programas e políticas de governo não são o bastante para que nossos jovens tenham atendidas suas necessidades, especialmente aquelas voltadas à educação, que necessitam de políticas públicas mais efetivas e maior impacto social. Entretanto, a Constituição de 1988, o ECA e o estatuto da Juventude ainda são os mais importantes instrumentos garantidores desses direitos, e traçam os aspectos principiológicos do direito da infância e da juventude, hoje, vigentes no Brasil.

No campo da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei 9394/96, reduz para 15 e 18 anos a idade mínima para que os jovens concluam o ensino fundamental e médio, respectivamente, e, assim, aqueles que não conseguem, por algum motivo, alcançar essa meta, acaba migrando da escola regular para a educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, a LDB/96, em seu artigo 4, inciso IV estabelece "*acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria"*. Com isso, a EJA – segmento de ensino da educação básica, acaba por receber muitos adolescentes oriundos de um fracasso escolar na educação regular.

Por conta disso, o artigo 37 da própria LDB esclarece e tenta garantir o mínimo de adequação desse segmento de ensino a esse novo público da EJA:

> § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, ANO 1996, p.32).

O artigo 37 vem garantir que a EJA dê a oportunidade de reparar o direito negado ao cidadão em idade própria, aos estudos, além de buscar igualar a possibilidade de acesso, permanência e aprendizagem, via educação escolar, visando qualificar e capacitar os jovens para o exercício da cidadania e ampliando a chance de torná-los participativos e socialmente produtivos.

Um dos maiores problemas relacionados com a juvenilização da EJA atualmente é a adequação dos conteúdos que, até pouco tempo, eram direcionados aos adultos e agora precisam atender a esses jovens e adolescentes que chegam a este segmento de ensino.

Sposito & Carrano (2003) esclarecem que:

> Mesmo no interior do aparelho de Estado, as políticas de juventude comportam diversidade de orientações e podem disputar recursos e operar diferentes definições de prioridades em face de outras políticas. Podem estar mais próximas de modelos participativos e democráticos ou serem definidos com base no que, no Brasil, tradicionalmente foi designado como cidadania tutelada, ou apenas como forma de assistência e controle do Estado sobre a sociedade, sobretudo para os grupos que estão na base da pirâmide social (SPOSITO; CARRANO, 2003, p.16).

Percebemos que, mesmo com a criação de políticas e programas voltados especialmente à EJA, os jovens que chegam a esse segmento de ensino, que em sua maioria, tem sua trajetória de vida está marcada pela desigualdade e falta de oportunidades, continuam à margem de todos esses direitos, cuja essência não consegue alcançá-los ou são mal administrados.

1.4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA é um segmento de ensino que convive com muitas transformações e adequações. Iniciada como política pública de educação, na década de 1940, sua criação foi fruto da defasagem educacional de grande parte da população e da necessidade da recém implantada indústria brasileira, na política de Getúlio Vargas, de mão de obra capacitada ou no mínimo alfabetizada.

Nessa década, sob várias pressões internas e externas, surge o Serviço de Educação de Adultos, o SEA, responsável por criar um Curso Primário para adultos. A educação de adultos, nesse período, era voltada especialmente para a educação profissional e para o trabalho.

Em 1958, surge a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Essas iniciativas tiveram grandes influências dos movimentos sociais, dos grupos populares e dos sindicatos que, a partir da década de 1960, incentiva outras campanhas com visões diferentes daquelas anteriores, propondo uma educação igualitária e para todos, buscando erradicar o analfabetismo no país, e consequentemente melhorar as condições de vida do povo brasileiro. Foi nesse período que o trabalho de Paulo Freire passou a direcionar as políticas e ações públicas para educação de jovens e adultos.

Di Pierro (2001) enfatiza que:

> Embaladas pela efervescência política e cultural do período, essas experiências evoluíam no sentido da organização de grupos populares articulados a sindicatos e outros movimentos sociais. Professavam a necessidade de realizar uma educação de adultos crítica, voltada à transformação social e não apenas à adaptação da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas (DI PIERRO, 2001, p. 3).

Apesar de ser um período de avanços para a educação de jovens e adultos, a década de 1960 também foi marcada por retrocessos causados pela ascensão da ditadura militar, que causou o fechamento político e institucional do Brasil. Entretanto, essa conjuntura não impediu que ações educativas voltadas à alfabetização de jovens e adultos continuassem a surgir, especialmente aquelas inspiradas nos padrões freirianos.

No final da década de 1960, surge o MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, um programa de governo voltado à alfabetização de adultos com maiores proporções já vistas até aquela época. Esse movimento sofreu algumas mudanças durante a década de 1970.

A Lei Federal 5.692, promulgada em 1971, dispõe as regras básicas para a educação supletiva correspondente ao ensino de jovens e adultos. Essa lei trouxe um importante avanço para o segmento, a flexibilidade de tempo e conteúdos, um dos componentes mais significativos àqueles que não haviam realizado ou completado, na idade própria, a escolaridade obrigatória.

Entretanto, conforme destaca Di Pierro (2001),

> Essa mesma legislação limitou a obrigatoriedade da oferta pública do ensino de primeiro grau apenas às crianças e adolescentes na faixa de 7 a 14 anos. O direito, mais amplo, à educação básica, só seria estendido aos jovens e adultos na Constituição Federal de 1988, como resultado do envolvimento no processo constituinte de diversos setores progressistas que se mobilizaram em prol da ampliação dos direitos sociais e das responsabilidades do Estado no atendimento às necessidades dos grupos sociais mais pobres (DI PIERRO, 2001, p. 63).

Com a extinção do MOBRAL, em 1985, surge, com a reabertura democrática brasileira, a Fundação Educar – Fundação para a Educação de Jovens e Adultos, que tinha como objetivo promover o atendimento para os educandos jovens e adultos nas séries iniciais do ensino de 1º grau de forma completa, através da formação e do aperfeiçoamento dos educadores, da produção de material didático, e da avaliação das atividades e supervisão do desenvolvimento do trabalho. Essa fundação chegou ao fim no governo de Fernando Collor de Mello, que transferiu para os municípios a responsabilidade pela EJA.

Segundo Soares (2016),

> O surgimento do Movimento de Alfabetização (MOVA), na cidade de São Paulo, em 1989, trouxe para a esfera governamental uma formulação híbrida de política pública com participação popular. Como Secretário Municipal de Educação, Paulo Freire viabilizou a ampliação de experiências de alfabetização de adultos que já aconteciam nos grupos populares e nos movimentos sociais (SOARES, 2016, p. 252).

Nos anos seguintes, nos governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, outros programas de governo voltados para a Educação de Jovens e Adultos foram implementados, entretanto, somente a promulgação da Lei 9.394/96 - LDB vem "[...] reafirmar o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico adequado às suas condições peculiares de estudo, e ao dever público em oferecê-lo gratuitamente na forma de cursos e exames supletivos [...]" (HADDAD; PIERRO, 2000, p. 122).

Todavia, mesmo reconhecendo esses direitos, as Leis ainda não garantem o efetivo acesso a eles, visto que não trouxe contribuições relevantes para essa área de ensino e, juntamente com a criação da Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), instituído pela Emenda Constitucional nº 14, de setembro de 1996, e regulamentado na Lei 9.424, de 24 de dezembro do mesmo ano, e no Decreto nº 2.264, de junho de 1997, ao contrário do que se pensava, tornou a EJA, no Brasil, mais limitada em suas ações, pois ao desconsiderar as matrículas da EJA no repasse de verbas, o FUNDEF marginalizou ainda mais a educação oferecida à

população jovem e adulta, mantendo o descaso com que esse segmento de ensino vem sendo tratada pelo poder público ao longo dos anos.

Em 2003, com o governo Lula, houve a criação do Programa Brasil Alfabetizado, cujo objetivo era a universalização da alfabetização de Jovens e Adultos, a partir dos 15 anos ou mais, e do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), que passaram a abranger todos os segmentos da educação básica, inclusive a Educação de Jovens e Adultos.

Com isso, Nascimento (2011) enfatiza que:

> Apesar das dificuldades encontradas no campo da EJA e o reconhecimento tardio do direito a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, deve se considerar que essa trajetória histórica trouxe elementos importantes e avanços significativos no modo de conceber e pensar a EJA hoje (NASCIMENTO, 2011, p. 7692).

Entretanto, mesmo com a criação do Programa Brasil Alfabetizado, a EJA ainda continuou sendo tratada de forma pouco eficiente pois, conforme Di Pierro e Haddad (2015),

> Na contramão do pensamento contemporâneo sobre as necessidades e estratégias de letramento das pessoas jovens e adultas, o PBA foi desenhado como ação setorial, nos moldes das campanhas de alfabetização de massa do passado, com curta duração e baixo custo, estruturando-se em paralelo aos sistemas de ensino, improvisando alfabetizadores que recebem modesta ajuda de custo, escassa orientação e supervisão, e são responsáveis por recrutar os candidatos a compor as turmas (DI PIERRO e HADDAD, 2015, p.207).

Nos oito anos de mandato do Presidente Lula pode-se observar uma mudança da posição relativa da EJA na política educacional, atribuindo-se maior importância a esse campo, com uma maior colaboração da União com os estados e municípios, por meio da institucionalização do segmento no sistema de ensino básico, com a sua inclusão nos mecanismos de financiamento e nos programas de assistência aos estudantes (alimentação, transporte escolar e livro didático).

Em 2007, o ministro da educação Fernando Haddad, apresentou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) como um plano de Estado e não de partido ou governo. Este Plano reúne um conjunto de iniciativas articuladas sob a abordagem do sistema educativo nacional, cuja prioridade é a melhoria da qualidade da educação básica, passando por investimentos na educação profissional e na educação superior, pois se entende que os diferentes níveis de ensino estão ligados, direta ou indiretamente.

Em 2011, Dilma Rousseff assume a presidência da república, dando prosseguimento a forma de governo de Lula. Dilma Rousseff foi a primeira mulher eleita para presidente do Brasil e durante toda a campanha presidencial, manifestou sua intenção em manter o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e efetivar algumas ações mais pontuais, como a criação de cursos universitários no interior, a ampliação da oferta de creches e pré-escolas, a elevação de recursos para a educação, o aumento da oferta de cursos técnicos e a valorização dos professores.

O Plano Plurianual (PPA) programado para o período de 2012-2015 ressalta que a alfabetização e a educação de jovens e adultos é um grande desafio da educação básica, sendo que a ação para modificar o quadro de analfabetos(as) no Brasil perpassa pelo incentivo a jovens e adultos voltar aos estudos e continuá-lós até a sua formação. (BRASIL, 2011)

Em março de 2012 a Presidente Dilma lançou o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO) que também atende a EJA destinada à educação básica e apoia, técnica e financeiramente, os municípios, estados e Distrito Federal tendo como um dos eixos a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional. Vinculado a este, há também o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) voltado as pessoas que já possuem o Ensino Médio, estão matriculadas nele ou procuram a formação/qualificação profissional, oferecendo cursos profissionalizantes e tecnológicos.

O programa EJA Saberes da Terra, é criado e vincula ao PRONATEC e possui como objetivo aumentar a escolaridade de jovens e adultos do campo. Neste programa, há a educação dos anos iniciais (alfabetização) e finais do ensino fundamental integrada à qualificação profissional e ao ensino médio. (BRASIL, 2014)

No início do ano de 2016, a Presidente Dilma Rousseff e o então ministro da Educação Aloizio Mercadante, anunciaram 2 milhões de novas vagas no PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) para o ano vigente. A nova fase teria vagas especiais para os estudantes da EJA (Educação para Jovens e Adultos). O programa, que começou em 2011, oferece cursos técnicos e profissionais gratuitos e foi uma das principais bandeiras do governo desde o primeiro mandato da presidente Dilma. (MEC, 2016)

Em agosto de 2016, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, assume a presidência da república, o seu vice Michel Temer. Nesse contexto, conquistas populares e democráticas que se acreditava terem sido fortalecidas de forma perene como processo de ampliação do direito à educação para todos, foram sistematicamente e rapidamente exterminadas. A Medida Provisória n. 746 de 22 de setembro de 2016, que introduziu uma

reforma na legislação que regulamentava o Ensino Médio no Brasil foi uma das mudanças mais impactantes na educação feita pelo governo Temer. Após um curto período de tramitação pelo Congresso Nacional e quase nenhum debate, no dia 16 de fevereiro de 2017 esta MP foi aprovada, com poucas alterações, dando origem a Lei n. 13.415, que dá materialidade a uma grande mudança no Ensino Médio Brasileiro com forte impacto negativo na vida dos jovens do país pois autoriza a realização de 40% da carga horária do ensino médio seja realizada à distância, já para a educação de jovens e adultos, a proposta é que seja 100% fora da escola. Para que pudesse ter o alcance desejado por seus idealizadores, esta Lei alterou, ao mesmo tempo, a LDB – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei do FUNDEB - Lei n. 11.494, de 20 de junho de 2007, a Consolidação das Leis do Trabalho e instituiu uma Política de Fomento à Implementação das Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. "A reforma do Ensino Médio compôs como mais uma peça de um mosaico que vai se montando no Brasil, tecendo uma imagem de país crescentemente desigual, plutocrático e excludente.". (ARAUJO 2018, p 220).

Em meados de março 2018, o governo editou uma nova portaria criando o Comitê Permanente de Avaliação de Custos da Educação Básica (CPACEB). A medida derruba dispositivo anterior que visava à implementação do chamado Custo Aluno Qualidade Inicial (CAQi).

O presidente da Federação dos Professores de São Paulo (Fepesp), Celso Napolitano, em entrevista ao canal Rede Brasil Atual, faz a seguinte crítica ao Governo Temer:

> A primeira atitude dele foi a nomeação do Mendonça Filho para o ministério da Educação, que é um representante da 'bancada do livro'", que reúne os interesses das grandes editoras e mantenedoras do ensino privado. "Agora culminou com esta possibilidade de haver uma decisão – uma portaria do Conselho Nacional de Educação (CNE) – abrindo para o ensino médio 40% de educação à distância. Fora isso, a questão da própria aprovação da reforma do ensino médio que é um verdadeiro absurdo. (NAPOLITANO, 2018)[23]

O governo de Jair Bolsonaro que se iniciou em janeiro de 2019, vem agravando ainda mais o cenário educacional brasileiro. Com uma política que se assemelha a um regime de exceção. Nos seis primeiros meses de governo, o Ministério da Educação apresentou duas propostas novas para a área: um projeto de lei que dispõe sobre a educação domiciliar e um Decreto Presidencial que institui a Política nacional de alfabetização. O Projeto escola sem

[23] Entrevista concedida ao Canal Rede Brasil Atual, publicado online em 03/04/2018 – 10h21.

partido, por sua vez, ficou sem formalização. A gestão está sendo marcada pelo contingenciamento de gastos na educação e pela troca de ministros nos primeiro 100 dias de gestão. O governo ainda pretende expandir a educação à distância e prepara um modelo de universidades federais e institutos federais digitais. Isso, tudo ante ao corte de verbas para a pesquisa e para a manutenção das instituições federais. Em sua campanha eleitoral, Jair Bolsonaro já havia anunciado que a educação à distância seria uma das apostas do seu governo.

Com o Programa de Nacional de Escola Cívico-Militares, o governo pretende implantar até 2023, 216 escolas militares, modelo que a gestão de Jair Bolsonaro considera o mais adequado. Assim, a gestão de Jair Bolsonaro vem cortando drasticamente as verbas para a educação, com redução de verbas das instituições de fomento à pesquisa, com cortes no ensino superior, na educação básica, cortando inclusive os investimento para a educação de jovens e adultos que, no governo de Jair Bolsonaro enfrentou seus maiores desafios, com contingenciamento de recursos, fechamentos de agencias e secretarias voltadas à política de educação de jovens e adultos e consequentemente a diminuição do número de matrículas e fechamento de escolas voltadas ao segmento.

Di Pierro (2019), afirma que “A conturbada gestão do Ministério da Educação no início do novo mandato presidencial ignorou essa frágil construção e desarticulou o que ainda restava na pasta.”

A extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), onde até então estava alocada a Diretoria de Políticas de EJA, através do Decreto 9465 de 02 de janeiro de 2019, fez com que nenhuma instância da Secretaria de Educação Básica do MEC, e nem mesmo as recém-criadas Secretarias de Alfabetização e de Modalidades Especializadas, fosse designada como responsável pela pasta da EJA.

Os recursos destinados à EJA saíram de quase R$ 1,6 bilhão no governo Dilma Rousseff para um pouco mais de R$ 16 Milhões no último ano de 2019. Uma redução de mais de 100 vezes o valor aplicado em 2012 e que não chega a 25% do valor previsto para o ano (2019) que era de cerca de R$ 74 milhões, ainda muito abaixo daquele destinado à EJA no governo Dilma.

De acordo com Passos (2019), em matéria publicada na Revista Veja de 16 de agosto de 2019, “No atual orçamento destinado à educação na EJA, o valor estimado para cada estudante é de exatos 2.870,94 reais – trata-se da única modalidade de ensino em que cada aluno recebe menos de 3.500 reais do Estado, de acordo com o **Fundeb**.”

A matéria ainda acrescenta que:

> O impacto do sucateamento financeiro realizado pelo atual governo de Jair Bolsonaro na Educação foi traduzido nos dados divulgados pelo Censo Escolar de 2018: o número de matrículas da EJA diminuiu 1,5%, totalizando apenas 3,5 milhões de estudantes matriculados no ano passado. O número é extremamente baixo para um país que, em 2017, tinha 11,5 milhões de pessoas analfabetas acima dos 15 anos de idade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**). Resultado concreto: a taxa de alfabetização da população acima de 15 anos ainda está abaixo do previsto. A meta a ser atingida em 2015 era de 93,5%; em 2019, quatro anos após o fim do prazo, essa porcentagem está em 91,5%. Isso significa que as metas estabelecidas pelo **Plano Nacional da Educação** (PNE), cujo objetivo é acabar com o **analfabetismo absoluto** e reduzir em 50% o **analfabetismo funcional**, dificilmente serão atingidas até 2024, quando termina o prazo para alcançá-las (PASSOS, 2019).

Para o ano de 2020, o quadro não é dos mais animadores, visto que o orçamento atual tem previsto para a EJA apenas R$ 25 milhões em um cenário onde 52,6% da população brasileira ainda não completou o ensino básico.

Di Pierro (2019), observa que:

> Por ora, não há lugar para a alfabetização e a EJA ao longo da vida na agenda educacional do governo Bolsonaro. Contudo, como os direitos educativos consagrados nas leis e as políticas de alfabetização e de EJA foram fruto de resistência e conquistas de luta social: nessa história ainda há capítulos abertos por escrever (DI PIERRO, 2019).

Todavia, é importante salientar que a EJA, apesar dos novos desafios, é uma alternativa para a melhoria da qualidade de vida de jovens e adultos, através do acesso à instrução formal e da tomada de conhecimento e apropriação de seus direitos.

1.5 OS JOVENS E A EJA

Os jovens são seres diversificados, e que exigem igualdade social. Estão situados em uma condição e situação juvenil. Sob o estigma da exclusão social e, usurpados dos seus direitos à educação, os jovens chegam à EJA com idades acima daquelas informadas pela lei para conclusão do ensino fundamental, em situação de vulnerabilidade social e econômica, amparados em subempregos ou desempregados. Essa trajetória repleta e marcada por muitas exclusões e privações de direitos é, muitas vezes, refletida em seu comportamento ou rendimento escolar.

Apesar de toda essa marca, os jovens também trazem consigo conhecimentos construídos em diversos espaços de socialização - família, amigos, trabalho - que nem sempre são construídos por experiências ruins. Eles anseiam por serem ouvidos e terem suas demandas culturais, sociais e econômicas atendidas; possuem uma linguagem própria da idade, que é reconhecida pelo grupo. "(...) Não tem sido frequente vincular a EJA com direitos humanos, nem com direito à educação. Por décadas esse direito se esgota aos 14 anos; logo, ainda que não escolarizados depois dessa idade, perdiam o direito à educação" (Arroyo, 2017, p.105).

Todavia, a escola da EJA, apesar de ser denominada Educação de Jovens e Adultos, não está preparada para essa fatia da população que, cada vez mais jovens, chegam a esse segmento de ensino.

A escola da EJA continua a oferecer a esse público uma relação intergeracional, composta por currículos rígidos e convencionais, não apropriados para trabalhar com a condição juvenil na EJA, e que trazem conhecimentos sem significados para a sua fase da vida, não reconhecendo e nem buscando as culturas juvenis como possibilidades de transformação socioeconômica e de aprendizagens para esses jovens, que buscam a EJA como alternativa de combate ao seu fracasso escolar anterior, demonstrando que, apesar dele, a escola ainda é importante.

Oliveira (2016, p. 20) enfatiza que "[...] o cenário escolar não comporta mais as invisibilidades e os silenciamentos, no que diz respeito à cultura juvenil [...]". O autor ainda ratifica que a escola precisa se reinventar em saberes e valores, o que pode provocar conflitos intergeracionais no ambiente escolar.

Assim, a juvenilização da EJA passou a ser uma realidade de âmbito nacional, que necessita de um olhar mais atento e de um projeto pedagógico específico, uma vez que a educação de jovens e adultos, por si só, já carece de uma "reformação" mais voltada à sua realidade.

Soares (2016) salienta que:

> Ao considerar os sujeitos envolvidos, com todas as suas peculiaridades e sintonizados com cada proposta educativa, a discussão acerca da educação como direito nos leva a problematizar o perfil do educador capaz de efetivar esse processo...Em termos concretos, não se pode negar que a questão metodológica, especificamente no que se refere à formação de seus professores, ainda constitui um dos fatores que dificultam a efetivação da EJA com qualidade (SOARES, 2016, p. 257).

Para enfrentar esse desafio, a escola deve buscar alternativas para a produção de espaços e conteúdos significativos para atendimento dessa diversidade de sujeitos jovens – não apenas alunos, trazendo uma reflexão sobre quem é esse sujeito, por que ingressou numa na sala de EJA; e como desenvolver um trabalho que atenda de forma mais adequada suas especificidades.

"O reconhecimento da humanidade, da dignidade humana dos pobres, negros, dos trabalhadores empobrecidos e oprimidos tem exigido sua escolarização como precondição para o seu reconhecimento como sujeitos de direitos humanos" (Arroyo, 2017. p. 107).

E assim, devemos e precisamos perceber a educação como alternativa para o combate à violência juvenil. A escola, a família e o estado devem promover meios para que nossos jovens tenham vida mais digna e esperança de futuro, como prevê a Constituição Federal de 1988. As taxas de reprovação e, ainda mais, de evasão, que se mostram em nossa realidade, são assustadoras, nas classes escolares da EJA, com grande número de adolescentes entre 15 e 18 anos (apesar de não termos produzidos dados sobre isso).

Sobre esse assunto, Haddad (2015) ainda reforça:

> Esta situação está cada vez mais desafiando as políticas de EJA em função do crescente envio de jovens, muitos deles analfabetos funcionais, que recém fizeram 15 anos, à essa modalidade por não estarem sendo atendidos no ensino fundamental de forma adequada. A repetência e a evasão ainda são problemas para a permanência do alunado na escola, fazendo com que muitas crianças desistam antes de completar o ensino fundamental. Mais de 1 milhão de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola. É esta situação que alimenta a composição do enorme contingente de pessoas que, mesmo tendo passado pela escola, não consegue se alfabetizar com qualidade para que se mantenha autônomo no uso da escrita e da leitura. Apesar do aumento na oferta de vagas no ensino fundamental regular, e a melhoria na promoção do alunado ao longo das últimas décadas, o atraso acumulado na escolaridade cria uma demanda potencial significativa por políticas de educação de jovens e adultos (EJA) (HADDAD, 2015, p. 99).

A escola é hoje convidada para se adequar às demandas específicas de outro público: jovens que vêm de processos formativos diversos, que pensam e aprendem de maneira diferenciada, e precisam se adaptar a uma nova realidade (a escola e os jovens). Isso requer uma compreensão diferenciada de como jovens e adultos constroem suas aprendizagens no mesmo contexto escolar; de como trabalhar essas diferentes concepções em um mesmo espaço, já que, apesar do grande número de jovens, ainda contamos com o público adulto nas classes da EJA; e como esse processo educacional pode interferir na formação desses jovens.

Paulo Freire (2000) enfatiza que:

> [....] Não é possível refazer este País, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com jovens (adolescentes) brincando de matar gente, oferecendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuído assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos [...] (PAULO FREIRE, 2000, p. 31).

Entender a presença dos Jovens na EJA exige das instituições de escolarização a elaboração de projetos pedagógicos compatíveis com os projetos de vida dos Jovens e, ainda, perceber que estes estão requerendo e exercendo seus direitos a uma educação de qualidade, não somente tentando se adequar ao mundo educacional, mas, buscando compreender seu próprio mundo e se reconhecer dentro dele. É fundamental preservar os espaços, os tempos dos sujeitos jovens educandos da EJA, com atenção e cuidado, pois, dessa forma, fortalece o sentido da sua presença na instituição escolar-EJA.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

No momento em que um pesquisador, seja ele de qualquer área do conhecimento e particularmente da educação, passa a elaborar um projeto de pesquisa, necessariamente deve inserir em seu texto um subtítulo denominado metodologia, no qual ele descreve a maneira como o estudo foi ou será realizado. Essa descrição, geralmente, inclui o tipo de pesquisa selecionado, as técnicas de investigação, o método utilizado e outros procedimentos complementares.

Em educação, é válido dizer que existem dois tipos fundamentais de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. A pesquisa quantitativa tem por objetivo a separação entre o sujeito investigador e o objeto investigado, e faz uso da linguagem matemática na apresentação dos resultados alcançados; já a pesquisa qualitativa leva em conta a junção entre o sujeito e o objeto, e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos.

Na pesquisa quantitativa, a experimentação e levantamento são modalidades comumente utilizadas. Estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante são modalidades da pesquisa qualitativa. Além dos tipos de pesquisa citados, os profissionais da educação se utilizam de técnicas tais quais: observação, questionários, entrevistas e análises documentais em suas pesquisas.

Método é uma palavra derivada do grego cujo sentido refere-se ao modo de proceder algo. É a maneira de se proceder para verificar ou alcançar algum resultado.

Segundo Fernandes (2015),

> Mesmo havendo espaço para a intuição e a criatividade, as quais são relevantes para o sucesso de uma pesquisa, o método continua sendo o elemento mais importante de uma investigação, pois ele tem o poder de disciplinar a conduta do pesquisador, adequar o esforço que deve ser empregado em função dos requerimentos do objeto de estudo, estabelecer os demais meios necessários ao bom termo do estudo, nortear a sequência da pesquisa e contribuir para a garantia de segurança e economia de recursos e trabalho (FERNANDES, 2015, p.190).

Assim, para que uma pesquisa seja bem-sucedida, a escolha do método é primordial, visto que ele determinará os caminhos a serem percorridos na investigação. Ele é a forma como percebemos e interpretamos a realidade.

Diversos filósofos dos séculos XVIII e XIX debruçaram-se no estudo e determinação de métodos de investigação que fossem capazes de responder, com a maior aproximação da realidade possível, as questões relacionadas aos objetos de pesquisa, a exemplo, temos: Hegel, Schelling, Kant, Marx, Mannhein e Husser.

Cada método de pesquisa leva em consideração o ponto de vista que é assumido por quem o utiliza. Na área da educação, encontram-se disponíveis para uso os métodos funcionalista, estruturalista, fenomenológico, dialético e experimental, sendo que os quatro primeiros foram elaborados para servir especificamente às ciências sociais e humanas, e o último usado especialmente nas ciências da natureza.

Para o presente estudo – O fenômeno da juvenilização da EJA na Rede municipal de educação de Itapetinga-BA, que leva em consideração os sujeitos discentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA, na Rede Municipal de Ensino de Itapetinga (BA), e traz como questões da pesquisa: "O que tem levado jovens cada vez mais jovens a buscarem a EJA como forma de educação?". Com isso, pretende-se investigar o processo de juvenilização dos alunos da EJA no município de Itapetinga (BA), identificar os motivos dessa juvenilização e se esse fenômeno vem crescendo ou não nos últimos anos (2010-2019), optando pela abordagem de pesquisa qualitativa, visto que, como afirma Minayo (2007),

> Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, das motivações, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2007, p. 21).

Dentre as abordagens de pesquisa do tipo qualitativa, optamos por fundamentar a realização deste trabalho em uma abordagem fenomenológica, conciliando com os princípios dessa investigação, tais como o desprendimento do pesquisador dos seus preconceitos.

Para estudar a identidade dos alunos da EJA na cidade de Itapetinga, foi realizado um levantamento documental dos dados de matrícula e do censo escolar nas escolas onde é oferecida a Educação de Jovens e Adultos – anos finais do Ensino Fundamental, sendo elas: o Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão, o Colégio Paulo Hagge (CAIC) e o Colégio Manoel Novais, todas situadas na sede do município, a fim de se buscar compreender o processo de juvenilização que vem acontecendo nos últimos anos. Também foi realizada a

entrevista semiestruturada junto aos alunos, buscando compreender seu ponto de vista em relação aos motivos que os levaram à EJA.

O tipo de pesquisa que mais atende ao objeto escolhido é a pesquisa qualitativa: um método de investigação científica que evidencia o caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as particularidades e experiências individuais, por exemplo. Ela não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, não fazem juízo de valor, nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos e se valem de diferentes abordagens. Na pesquisa qualitativa, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado.

Para Minayo (2001),

> A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001 p.14).

Assim, a pesquisa qualitativa é a mais apropriada para as investigações relacionadas ao empirismo humano, levando o pesquisador a interagir com seu objeto de estudo, de forma a adquirir dele os melhores resultados.

Nesse sentido, Silveira (2009) ressalta que:

> A pesquisa qualitativa tem como principais características: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA, 2009, p. 31).

Entretanto, o pesquisador deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como: excessiva confiança no investigador, instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos, através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

Quanto às técnicas de investigação, são vários os instrumentos que podem ser utilizados pelo pesquisador para garantir o êxito de sua pesquisa, no entanto, é sempre importante lembrar que a escolha dos instrumentos de pesquisa não pode se dar de forma aleatória. Existe uma série de cuidados a serem observados no momento de escolher os instrumentos que serão utilizados na realização da pesquisa. Antes de fazer essa escolha, é importante que o pesquisador reflita sobre as questões que podem nortear corretamente a sua decisão.

Neste trabalho, utilizamos como instrumentos de coleta de dados, o caderno de anotações e notebook para registrar os dados de matrículas e o gravador do aparelho celular para as entrevistas com os alunos.

O método do levantamento e análise documental é aquele que busca compreender a realidade de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem. O levantamento documental se caracterizará como prova referencial daquilo que é pesquisado, já que o documento é algo neutro e objetivo.

Segundo Silva et al (2009),

> A pesquisa documental, enquanto método de investigação da realidade social, não traz uma única concepção filosófica de pesquisa, pode ser utilizada tanto nas abordagens de natureza positivista como também naquelas de caráter compreensivo, com enfoque mais crítico. Essa característica toma corpo de acordo com o referencial teórico que nutre o pensamento do pesquisador, pois não só os documentos escolhidos, mas a análise deles deve responder às questões da pesquisa, exigindo do pesquisador uma capacidade reflexiva e criativa não só na forma como compreende o problema, mas nas relações que consegue estabelecer entre este e seu contexto, no modo como elabora suas conclusões e como as comunica (SILVA et al., 2009, p. 4555).

A entrevista é uma técnica de coleta de dados em uma pesquisa e desenvolve um importante papel, tanto nas atividades científicas (pesquisa) quanto em diversas atividades humanas. Ela possui um forte caráter de interação pela relação estabelecida entre os sujeitos – pesquisador/entrevistador e entrevistado.

O modelo de entrevista escolhido, a semiestruturada, por exemplo, é um tipo de entrevista na qual não há imposição de uma ordem rígida de questões. O entrevistador propõe a temática ou as situações do seu objeto de estudo e o entrevistado fala sobre aquele tema proposto, com base no seu repertório de conhecimentos e informações.

A realização da entrevista traz, como vantagem ao trabalho de pesquisa, a captação imediata e corrente da informação desejada, com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados temas; permite o tratamento de assuntos de natureza pessoal e íntima, bem como temas de natureza complexa e de escolhas individuais; permite o aprofundamento de pontos levantados por meio de outras técnicas de coleta de dados, que possuem uma natureza mais superficial; permite correções, esclarecimentos e adaptações que tornam mais eficaz para as informações desejadas.

Entretanto, para que se tenha eficácia no processo de entrevista, faz-se necessário alguns cuidados: respeito pelo entrevistado, o local e o horário marcado para a realização da entrevista; garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante; cuidado com o vocabulário, a linguagem a ser usada e o respeito à linguagem do entrevistado; capacidade de ouvir; o pesquisador deverá utilizar um roteiro que guie a entrevista por meio de tópicos a serem discutidos, com certa ordem lógica; não interferir no ponto de vista e na opinião do entrevistado.

Com relação ao método escolhido, optamos pelo fenomenológico, que nasceu do empenho de filósofos como Husserl e Heidegger. Um dos principais aspectos na construção desse método foi o rigor científico que, para Husserl, não era advindo das ciências da natureza e sim das ciências dedutivas. A fenomenologia, graças ao trabalho de Husserl, constitui-se em categorias que garantem sua funcionalidade, e uma delas é a intencionalidade, que tem como sentido estar consciente de algo da consciência, e direcionar-se a um certo objeto. A análise das vivências intencionais da consciência, com vistas a captar o sentido dos fenômenos, constitui a tarefa da fenomenologia. O fenômeno diz respeito a tudo aquilo que se mostra, que aparece, que se manifesta para a consciência.

Outra categoria utilizada por Husserl é a Redução fenomenológica, que se baseia no sentido original proposto pelos gregos antigos de adoção de uma atitude de não envolvimento, nos casos controversos, porém, por prazo determinado. A anulação das

crenças, opiniões e conceitos pessoais sobre o objeto permite que o mesmo possa ser examinado em sua essência, seja ele fornecido à consciência pela percepção, intuição, recordação ou imaginação. Outra forma de redução denominada por ele é a eidética, que diz respeito ao ato de identificar o que existe de substancial e estável em um determinado objeto, o que significa deixar de lado tudo aquilo que lhe é duvidoso e acidental. É um ato de depuração do fenômeno para atingir a sua essência, sendo está, portanto, uma categoria fundamental na fenomenologia. A concepção fenomenológica traz a ideia de que todo fenômeno possui uma essência, que possibilita a sua nomeação e designação. Ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias ocasionais de sua concretização. Assim sendo, cada coisa que percebemos tem uma essência, ou seja, o modo peculiar do aparecer de um certo fenômeno, o seu sentido verdadeiro.

Já em relação a Heidegger, sua contribuição mais importante à fenomenologia refere-se à concepção de verdade. Ele considerava que a originária e tradicional concepção de verdade precisa ser superada, porquanto ela diz respeito a algo objetivamente dado, passível de ser conhecido por meio de conceitos e não com descobertas. Esse filósofo contestou a ideia tradicional de verdade entendida como concordância entre o juízo e seu objeto porque essa relação não teria sido esclarecida até então. Tal questionamento teria visado a natureza dessa concordância em termos de saber se ela seria ideal ou real. Assim, o estudo fenomenológico se firma em três regras básicas: a primeira diz respeito à suspensão provisória de qualquer juízo a respeito do objeto investigado; a segunda refere-se à descrição desse objeto; e a terceira recai na interpretação dos dados com base em referenciais teóricos específicos.

Neste trabalho, o tipo de pesquisa, a escolha do método e das técnicas de investigação foram pensadas para contribuir tanto com a formação do pesquisador, quanto com os sujeitos da pesquisa: alunos da EJA e na melhoria da qualidade da educação. Foram analisados fatores como: idade, sexo, situação socioeconômica, origem escolar, origem familiar, histórico de repetências e indicativos de dificuldades na aprendizagem em anos anteriores e as perspectivas desses alunos para o futuro.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, para o levantamento do número de matrículas por ano/escola e por faixa de idade/sexo, utilizamos um formulário desenhado no Excel, no qual foram registrados os dados disponibilizados nos livros de matrícula das escolas. Neste formulário também foram inseridas as informações contidas nos históricos escolares dos entrevistados, quanto à repetência, origem escolar e os indicativos de dificuldade de aprendizagem.

Para levantamento dos motivos que levaram esses jovens à EJA, sua origem socioeconômica e familiar, foi utilizada a entrevista semiestruturada, onde foram feitas as perguntas: "Qual o grau de instrução de seus pais?", "O que trouxe você a EJA?", "O que você espera alcançar com seus estudos?", "O que você pensa sobre a escola da EJA, dos conteúdos e da forma de ensinar dos professores?", "Como ocorre a socialização e a identidade de grupo na sala de aula com colegas de diferentes gerações?", "Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?"

Foram entrevistados 05 alunos matriculados em cada uma das três escolas pesquisadas, nos ciclos da EJA IV e V, correspondentes ao ensino fundamental II, totalizando 15 alunos.

Ao considerarmos o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações estabelecidas entre entrevistador e entrevistado influencia tanto seu curso, como o tipo de informação que aparece.

Por se tratar de uma pesquisa sobre o fenômeno da juvenilização da EJA, os entrevistados foram selecionados entre aqueles de 15 a 17 anos. Os alunos entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, procurando, entretanto, abranger alunos do sexo masculino e feminino.

Os participantes foram convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e informados de que podiam escolher se desejavam ou não participar de tal pesquisa e que, escolhendo participar, poderiam a qualquer momento se retirar do processo, não havendo nenhum ônus por isso. Foram avisados também que o sigilo dos dados coletados seria garantido e que, em caso de recusa, não haveria penalidades. Por esse motivo, todos os nomes serão ocultados nesse trabalho, e em síntese, as etapas da pesquisa foram: primeiro levantamento documental nos arquivos da escola, depois entrevistas com os alunos selecionados e por fim, análise dos históricos escolares dos entrevistados.

CAPÍTULO 3: O PROCESSO DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA-BA

O município de Itapetinga está situado na região Sudoeste da Bahia, distante 562 km da capital – Salvador. Segundo estimativa populacional do IBGE, sua população estimada em 2018 é de 75.470 habitantes, sendo assim a 24ª cidade mais populosa da Bahia. É a principal cidade da microrregião do médio sudoeste baiano, que engloba 13 municípios, estando também a 100 km do município de Vitória da Conquista, terceira maior cidade do estado.

O município de Itapetinga é um dos mais urbanizados da Bahia, 97% da população mora na área urbana e apenas 3% na área rural. A economia itapetinguense é movimentada pela pecuária, frigoríficos, indústria de calçados e os serviços, que tem 56,36% de participação na economia. Possui uma taxa de escolarização de 06 a 14 anos de idade de 96,8%[24]. No ano de 2017, os alunos dos anos inicias da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.5 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.6. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 198 de 417. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 85 de 417[25].

O município possui atualmente 33 escolas municipais de ensino fundamental I e II.

Figura 1: Mapa de localização do Município de Itapetinga - Ba

Fonte: Google mapas

[24] Dados disponíveis no site no IBGE.
[25] Dados disponíveis no site do Censo escolar do INEP

A juvenilização da EJA é um fenômeno que tem sido percebido em todas as regiões do Brasil, o que vem constatado nas diversas pesquisas sobre o assunto que abrangem todas as regiões brasileiras, conforme demonstra a tabela 02.

No Município de Itapetinga-BA, isso não é diferente, o perfil etário dos alunos da EJA tem mudado drasticamente nos últimos anos, que vem se tornando cada vez mais jovem.

Antes da promulgação da Lei Municipal 1.275/2015, que institui o Plano Municipal de Educação, a Educação de Jovens e Adultos - Nível Fundamental I e II, era oferecida no município por 06 escolas. Com o Plano Municipal, a partir de 2015, instituiu-se a nuclearização da EJA, reduzindo o oferecimento da EJA a apenas duas instituições, sendo que, em 2017, foi inserida mais uma instituição de ensino.

A Lei 1275/2015, não especifica as regras ou motivos que levaram à nucleação da EJA no município.

Assim, de acordo com o Censo escolar do MEC, o número de alunos matriculados na EJA em Itapetinga pode ser visto na tabela abaixo:

Tabela 3 – Número de matrículas efetuadas na EJA na Rede Municipal de Ensino no município de Itapetinga-BA – Censo Escolar 2010 a 2018

Dependência Administrativa	Mediação didático-Pedagógica	Ano	Ensino Fundamental - EJA		Total de alunos matriculados por ano
			Alunos Gerais (escolas rurais e urbanas)	Alunos de escolas especiais, classes especiais e incluídos	
Municipal	Presencial	**2010**	1319	Não informado	**1319**
		2011	1614	Não informado	**1614**
		2012	1561	Não informado	**1561**
		2013	1393	Não informado	**1393**
		2014	783	Não informado	**783**
		2015	757	08	**765**
		2016	946	16	**962**
		2017	1.037	58	**1.095**
		2018	938	57	**995**

Fonte: Deed/Inep/MEC.

Para que se tenha um diagnóstico da Juvenilização da EJA no município, é necessário, além do número geral de matrículas de alunos na EJA, o número de matrículas por unidade escolar, por faixa de idade e sexo.

Em relação às instituições de ensino, objetivo deste trabalho, temos a seguinte relação de matrícula:

Tabela 4 – Número de alunos matriculados na EJA por ano nas instituições escolares objeto desse estudo

Ano	Centro E.C. José Marcos Gusmão	Colégio Paulo Hagge	Escola Municipalizada Manoel Novais
2010	**293**	**127**	Escola sob comando da rede estadual de ensino.
2011	**251**	**156**	Escola sob comando da rede estadual de ensino.
2012	**245**	**163**	Escola sob comando da rede estadual de ensino.
2013	**432**	**177**	Escola sob comando da rede estadual de ensino.
2014	**426**	**162**	**0**
2015	**397**	**170**	**0**
2016	**403**	**158**	**0**
2017	**527**	**182**	**0**
2018	**614**	**154**	**153**
2019	**476**	**185**	**163**

Fonte: http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos

Quanto à relação de matrículas por idade x sexo**,** os dados obtidos foram apenas dos anos de 2017, 2018 e 2019, visto que as unidades escolares não dispunham desses dados em seus arquivos e eles não foram encontrados também na plataforma do censo escolar do MEC.

A falta de dados nas escolas se configura em um grande entrave para a eficiência da pesquisa e se deve basicamente pelo fato de que, a cada mudança administrativa do poder executivo do município, unidade mantenedora dessas instituições de ensino, os dados do período da gestão anterior são retirados das unidades escolares e armazenados de forma não identificada em diversos locais, sendo alguns deles perdidos e/ou destruídos.

3.1 ESCOLA MUNICIPALIZADA MANOEL NOVAES

Figura 2: Escola Manoel Novaes.

Foto: A autora

Quanto à escola Municipalizada Manoel Novaes, esta passou a ser administrada pela rede municipal no ano de 2017, entretanto, só recebeu alunos da EJA a partir de 2018. A escola está situada na Praça Zilda Ribeiro, no Bairro São Francisco de Assis, com código INEP nº 29282594; possui dependências e sanitários acessíveis a portadores de deficiência, laboratório de informática, biblioteca, quadra de esportes.

Quanto aos alunos matriculados na EJA, temos os seguintes dados:

Tabela 5 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – Manoel Novaes

Ano	Modalidade	entre 15 e < 18 anos		entre 18 e 24 anos		maior que 24 anos		TOTAL
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
2018	Multisseriada	5	4	2	1	1	8	21
	EJA IV	14	10	11	5	5	6	51
	EJA V	18	13	26	12	5	7	81
	Totais	**64**		**57**		**32**		**153**
2019	Multisseriada	3	1	1	1	1	6	13
	EJA IV	6	17	18	11	4	5	61
	EJA V	10	16	32	15	9	7	89
	Totais	**53**		**78**		**32**		**163**

Fonte: Secretaria da escola, 2019.

3.2 COLÉGIO PAULO HAGGE (CAIC)

Figura 3: Colégio Paulo Hagge (CAIC).

Foto: A autora

O Colégio está situado na zona mais periférica do município, com grande índice de casos de violência, brigas entre facções criminosas, homicídios e tráfico de drogas. Sua localização é na Rua Medeiros Neto, no Bairro Clerolândia e está registrado no INEP pelo nº 29423546. Suas dependências não possuem acessibilidade a alunos deficientes. Apenas um sanitário foi adaptado a atender esse público. Possui biblioteca, sala de leitura, auditório, anfiteatro e quadra de esportes.

Quanto aos dados de matrícula, podemos verificar na tabela a seguir.

Tabela 6 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – Paulo Hagge

Ano	Modalidade	entre 15 e <18 anos		entre 18 e 24 anos		maior que 24 anos		TOTAL
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
2017	Multisseriada	09	12	06	08	02	05	42
	EJA IV	15	17	11	09	10	09	71
	EJA V	18	13	11	12	07	08	69
	Totais	**84**		**57**		**41**		**182**
2018	Multisseriada	05	03	08	02	02	01	21
	EJA III	08	05	06	09	02	03	33
	EJA IV	13	11	10	08	07	03	52
	EJA V	13	12	09	06	06	02	48
	Totais	**70**		**58**		**26**		**154**
2019	Multisseriada	05	08	02	06	08	06	35

EJA III	09	07	11	05	03	05	40
EJA IV	14	11	08	10	05	04	52
EJA V	12	11	15	13	06	01	58
Totais	**77**		**70**		**38**		**185**

Fonte: Secretaria da escola, 2019.

3.3 CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL JOSÉ MARCOS GUSMÃO

Figura 4: Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão.

Foto: Cléwiton Dias

Situado na Avenida Dermeval Soares Pinheiro, no bairro Otávio Camões, é a maior unidade escolar da rede municipal. Está inscrita no INEP sob o nº 29282616, possui 15 salas de aula climatizadas, biblioteca, auditório/teatro, quadra de esportes, sala de multimeios e um laboratório de robótica em implantação. Suas dependências não possuem acessibilidade a portadores de deficiência. Apesar do censo do INEP apontar a existência de sala de informática, não existe na escola nenhum computador ou equipamento semelhante à disposição dos alunos e/ou professores. A escola possui rede de internet banda larga disponível apenas aos docentes.

Em relação às matrículas dos alunos da EJA, essa unidade escolar conta com uma sala multisseriada de alunos portadores de necessidades especiais.

Tabela 7 – Número de alunos matriculados na EJA por faixa de idade X ano – C.E.C.J.M. Gusmão

Ano	Modalidade	entre 15 e <18 anos		entre 18 e 24 anos		maior que 24 anos		TOTAL
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
2017	EJA I	02	01	01	03	03	06	16
	EJA II	03	06	02	04	02	02	19
	EJA III	13	16	11	09	06	02	57
	EJA IV	52	51	29	37	20	24	213
	EJA V	61	21	43	30	39	28	222
	Totais	**226**		**169**		**132**		**527**
2018	EJA II	03	08	01	09	03	02	26
	EJA III	13	10	09	08	07	07	54
	EJA IV	65	62	39	43	28	19	256
	EJA V	61	51	56	45	47	18	278
	Totais	**273**		**210**		**131**		**614**
2019	Multisseriada	05	08	03	06	01	02	25
	EJA II	07	05	03	04	04	06	29
	EJA III	05	09	04	07	07	06	38
	EJA IV	76	28	31	23	15	18	191
	EJA V	60	44	28	31	18	12	193
	Totais	**247**		**140**		**89**		**476**

Fonte: Secretaria da escola, 2019.

3.4 O QUE TEM LEVADO JOVENS, CADA VEZ MAIS JOVENS, A BUSCAREM A EJA? Entrevista com alunos das três escolas pesquisadas.

A **entrevista semiestruturada** é um método mais espontâneo, de modo presencial, em que o entrevistador faz apenas algumas perguntas predeterminadas. O restante do processo é parecido com uma conversa, não planejado com antecedência.

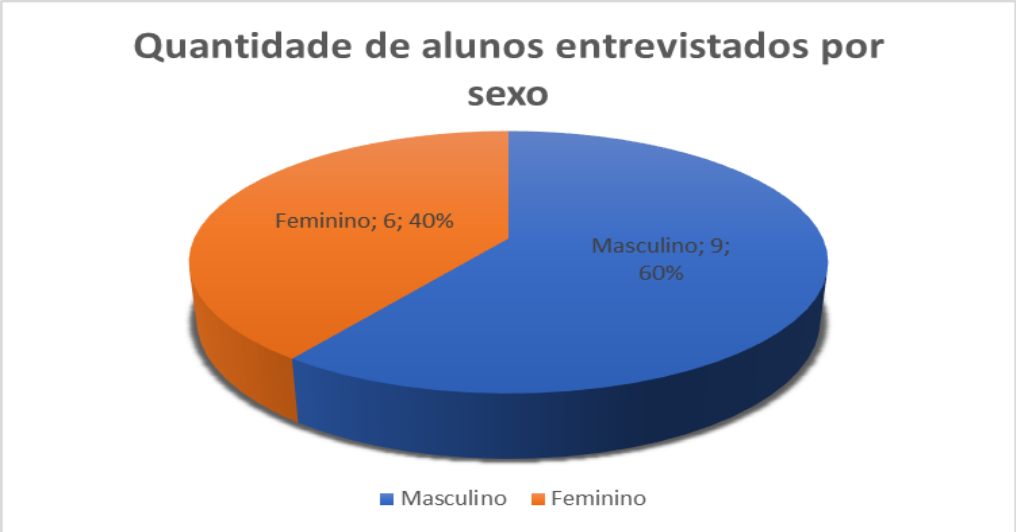
Em cada uma das três escolas pesquisadas, foram escolhidos aleatoriamente 05(cinco) alunos com idades entre 15 e 17 anos, matriculados nos ciclos da EJA IV e V, correspondentes ao ensino fundamental II. Em todas as escolas, estes ciclos funcionam apenas no turno noturno, das 19:00 às 21:40h.

Gráfico 2: Faixa de idade dos alunos pesquisados

Fonte: Autoria Própria

Como a escolha foi aleatória, alunos dos sexos masculino e feminino participaram da pesquisa, ficando a quantidade de alunos por sexto, demostrada conforme gráfico abaixo:

Gráfico 3: Quantidade de alunos entrevistados por sexo.



Fonte: Autoria Própria

No processo de entrevista, foi observado a vontade espontânea dos estudantes a participarem da entrevista. Também, para manter a identidade dos alunos reservada, identificaremos de forma genérica os participantes da entrevista. Entretanto, a identificação do

aluno permaneceu a mesma em todas as perguntas, isto é, o aluno identificado como Aluno A na primeira pergunta, permaneceu como Aluno A em todas as demais perguntas.

As entrevistas foram realizadas no período de agosto a outubro de 2019.

Tabela 8: Transcrições das respostas à entrevista:

ALUNO	Escola Paulo Hagge	Escola Manoel Novaes	Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão
Pergunta 1: Qual o grau de instrução de seus pais?			
Aluno A	*Meu pai eu não sei, minha mãe terminou. Ela estudou até a quarta série.*	*Minha mãe se formou e meu pai parou no segundo ano.*	*Minha mãe estudou até a sexta série e meu pai até o oitavo.*
Aluno B	*Eles estudaram, mas eu não sei porque eles desistiram de estudar. Minha mãe sabe ler e escrever direito.*	*Os dois terminaram o ensino fundamental. Eles terminaram a oitava série.*	*Só moro com minha mãe, mas ela não estudou muito, sei até que ano ela estudou não.*
Aluno C	*Eu não sei. Não moro com eles. Minha avó que me criou não estudou não.*	*Meu pai parou de estudar, minha mãe tá fazendo a Eja aqui na escola também, mas ela não sabe escrever direito ainda.*	*Minha mãe foi até a oitava série e meu pai eu não sei muito.*
Aluno D	*Eu moro com minha vó. Meu pai não estudou quase não, minha mãe lê e escreve direitinho, véi.*	*Nem meu pai nem minha mãe estudou, por isso que quero estudar pra ser alguém na vida.*	*Minha mãe fez até o oitavo ano, meu pai eu não sei.*
Aluno E	*Eles terminaram o ensino fundamental e pararam. Só minha mãe que terminou o médio.*	*Não sei, não moro com eles, mas acho que eles estudaram um pouco.*	*Meu pai não estudou e minha mãe fez até o quinto ano.*

Pergunta 2**: Em que bairro da nossa cidade você mora?**

Aluno A	*Vila Rosa*	*Clerolândia*	*Moacir Moura (Nova Itapetinga)*
Aluno B	*Vila Izabel*	*Beira Rio*	*Clodoaldo Costa*
Aluno C	*Clerolândia*	*São Francisco*	*Centro*
Aluno D	*Vila Izabel*	*Vila Rosa*	*12 de Dezembro (Vila Erika)*
Aluno E	*Vila Rosa*	*Ponto Certo*	*Quintas do Sul*

Pergunta 3: O que trouxe você a EJA?

Aluno A	*Foi minha mãe, ela quis que*	*Como eu tava perdendo de*	*Foi minha professora antiga*

	eu continuasse a estudar.	*ano e repeti duas vezes, eu tive que vim pra eja pra tentar passar.*	*que falou. Ela que chegou perto de mim falando da EJA. Aí conversou, conversou e fa... Aí falou comigo: pelo tempo que eu perdi, uns dois anos, aí. Eu falei: vô pensar! (...) Eu pensei primeiro.*
Aluno B	*Como eu tive uma filha, aí eu tive que parar e não podia mais estudar de dia porque tinha que cuidar de minha filha.*	*Eu estudava em outra escola, aí eu tomei pau duas vezes, então a diretora disse que eu não podia estudar mais lá.*	*Ah, eu não gostava muito de estudar e perdia muito. Tive que vim, né.*
Aluno C	*Eu não conseguia passar, aí eu perdi de ano de novo, então eu tive que vim estudar de noite.*	*Eu parei, não gostava de estudar, então arrumei trabalho e só posso estudar de noite. Tô no Senai.*	*Tive um acidente que machucou meu joelho. Aí deu ponto né! Aí eu tive que ficar em casa em repouso. (...) Fiquei seis meses parado. Ou mais! (...) Sai da Escola que eu gostava muito. Parei só agora pra... Pra entrar no EJA porque eu tinha perdido um ano, devido um acidente.*
Aluno D	*Eu não gostava de estudar e quem não gosta de estudar eles mandam estudar de noite, aí eu vim pra cá.*	*É porque tem que estudar, né. A gente fica sem estudar e aí não consegue nada.*	*Foi por causa da minha filha. Eu não tinha com quem deixar ela, aí tive que trabalhar depois em casa de família.*
Aluno E	*Foi a necessidade de trabalho, tinha que trabalhar de dia pra ajudar em casa.*	*Eu engravidei e desisti no ano que fiquei grávida, aí a diretora falou que pra me matricular no noturno que era melhor.*	*Ah! Porque... Para eu ficar na série mais próxima da onde eu devia estar. Eu já era para tá no segundo grau já. A EJA é como se fosse um ano recuperado pra mim.*

Pergunta 4: Gostaria de ter continuado ou voltar a estudar no ensino chamado regular?

Aluno A	*Eu sinto saudade de quando estudava de dia. Era melhor.*	*Eu queria ter ficado de dia, mas não deu.*	*Como eu já tenho idade, não pude ficar de dia, mas eu queria ter ficado sim.*

Aluno B	*Se não fosse eu ter engravidado, eu tinha ficado de dia, só vim pra noite por causa da minha filha.*	*Não, eu acho muito bom estudar aqui a noite. Essa é a melhor escola que eu estudei.*	*Eu queria, mas disseram que não podia.*
Aluno C	*Não. Eu gosto de estudar de noite, acho melhor.*	*Eu queria sim, estudar de dia é melhor.*	*Sei não. Às vezes eu penso que sim, as vezes eu penso que não. Tem umas coisas que eram boas durante o dia.*
Aluno D	*Queria não. Gostei de vim estudar de noite.*	*Antes eu pensava que sim, mas agora eu já gosto de ficar de noite.*	*Eu queria continuar sim, mas tenho que cuidar de filha durante o dia porque minha mãe trabalha, aí a noite ela fica com ela... minha filha.*
Aluno E	*Pra mim tanto faz, mas acho melhor a noite.*	*Eu repeti ano passado e já tinha repetido a 3ª série várias vezes. O aluno que tem que querer estudar e eu não queria nada, não fazia nada, por isso me atrasei, aí tive que vim pra EJA, aí acho bom aqui porque posso fazer logo dois anos em um.*	*Não, eu tô muito atrasado, prefiro mesmo a EJA.*

Pergunta 5: O que você espera alcançar com seus estudos?

Aluno A	*Formar né!? Os colega que eu tinha se formaram e eu fiquei pra trás. Então faço a EJA pra formar logo, pra correr atrás do prejuízo né!? Senão fica toda a vida agarrado na escola*	*Fazer uns curso, arrumar um serviço bom, né! (...) Universidade, penso não. Ah... Sei lá! Diz que é muito difícil. Mas, um SENAI, assim um profissionalizante...*	*Eu pretendo estudar sim, até o segundo grau só, num quero saber mais não. (...) Universidade? Ah! Só um pouco mais pra frente... Ainda nem sei. (...) Eu falei pra minha mãe que eu quero voltar para o dia, se der. Até lá eu vou pensar mais um pouco.*
Aluno B	*Tipo assim, vou formar no ensino médio né? Aí vou fazer o superior. Eu quero ser teóloga! Quero formar em teologia. (...) Teólogo estuda*	*Quero arrumar um bom emprego. A gente sem estudo fica sem conseguir as coisas. O Açaí só tá pegando quem já terminou, se ficar marcando*	*Sei lá. Não sei se vou terminar não. Tenho vontade não.*

	religiões, estuda... Tipo assim, símbolos, né? Estuda, tipo assim, o significado de cada coisa.	*ponto, fica pra trás.*	
Aluno C	*Sei lá, acho que um trabalho. Não sei se vou fazer faculdade não, estudar é chato e quando a gente vai ficando muito tempo na escola...*	*Trabalho. Acho que com estudo a gente consegue trabalho melhor. Quero ser policial.*	*Acho que vou fazer faculdade. (...) De quê? Não sei ainda, vou pensar, mas eu quero uma coisa mais fácil, que não precisa fazer muito matemática.*
Aluno D	*Trabalhar. Um emprego melhor porque a coisa num tá boa não.*	*Eu queria continuar estudando, mas não tenho mais cabeça pra isso, vou terminar e pronto, quero arrumar um trabalho melhor depois de formar.*	*Uma coisa que, tipo assim, minha mãe fala que é muito minha cara mesmo é de eu ser veterinária. Porque eu amo os animais, entendeu? Mas, sei lá! Talvez.*
Aluno E	*Eu quero ensinar, ser de profissão de professor. É bom ser professor, né? (...) não sei se vou conseguir, mas eu queria ser professor.*	*Talvez arrumar um emprego melhor. Eu faço bico agora, acho que com estudo eu consigo um trabalho de carteira assinada.*	*Trabalhar, acho que todo mundo quer isso, mudar de vida, trabalhar direito.*

Pergunta 6: O que você acha que a escola da EJA, dos conteúdos e da forma de ensinar dos professores?

Aluno A	*Acho boa.*	*Nossa! Pra mim a escola é tudo. A gente depende do estudo pra sê alguém na vida. Quero que ... cresça, né! Seja, seja... "formar" ... Seja qualquer coisa na vida.*	*Ah, eu acho que a escola é a primeira coisa, sabe? É mui... se não for a escola, a pessoa num vai pra frente, não! Então, o primeiro passo é a escola. Porque hoje sem a escola a pessoa num faz nada, não! Sem estudo hoje... Se, se... daqui uns tempo, se continuar do jeito que tá hoje... daqui uns tempo se num tiver estudo, num vai poder trabalhar nem em casa de família.*
Aluno B	*A EJA é melhor porque dá pra fazer dois anos em um, O tempo, os dois ano que eu perdi eu recupero.*	*Acho muito boa. Estudo mais, porque aqui tem muita gente que estuda né? Gente mais velha, que num fica fazendo*	*Num intendo muito o que os professores falam, sei lá, parece que não tão nem aí pra gente. A escola? A*

		bagunçada	*escola é chata, prende a gente aqui.*
Aluno C	*Acho tudo muito corrido. Deve ser porque a gente faz dois anos em um só, né. Mas também acho fraco o ensino.*	*Os professores são bons. Tem uns que se acham, a gente não pode abrir a boca na sala que já tá gritando. Os conteúdo eu acho meio difícil pra quem trabalha o dia todo.*	*Poderia ser melhor, mas tá bom. O importante é a gente passar no final do ano.*
Aluno D	*É boa. Acho boa. Aqui na escola tem umas atividades legais. Tirando alguns, os professores são gente boa.*	*Eu gosto muito dessa escola, gosto das aulas, gosto dos professores.*	*Eu acho muito bom. Pensei que não ia gostar, mas gostei. Os conteúdos são um pouco diferentes do dia. Tenho um irmão que estuda a mesma série de dia e é tudo diferente.*
Aluno E	*Bem, assim... alguns professores eu não gosto, mas a escola é boa. Só é ruim na hora de sair que as vezes tem um povo estranho... entende?*	*A escola é boa, o ensino é bom, a gente adianta que tá atrasado.*	*Eu não sei, acho que é bom, dá pra aprender, mas as vezes a gente não aprende muito, a cabeça da gente é fraca e os assuntos são difíceis.*

Pergunta 7: Como se dá a socialização e a identidade de grupo na sala de aula com colegas de diferentes gerações?

Aluno A	*O povo mais velho é bom. Eles não fazem bagunça, aí a gente tem que ficar mais quieto também.*	*Na minha sala não tem gente mais velha, mas nas outras salas... tem uma sala só de gente velha, mas eu vejo eles com respeito, não costumo conversar muito com eles.*	*É difícil, porque fica pedindo pra gente fazer silêncio, já não basta os professores, mas eu respeito eles, porque eles aprendem com menos facilidade que a gente.*
Aluno B	*Na sala tem umas pessoas mais velhas, tipo assim, de uns quarenta anos, mas eles são legais, não são diferentes não.*	*Convivo bem com eles, eles tem coisas pra ensinar pra gente, como se comportar melhor.*	*Na minha sala não tem muita gente mais velha não.*
Aluno C	*Eu estudo mais, porque tem muita gente que estuda né? Gente mais velha, que num fica fazendo bagunçada...*	*Eu tava acostumado a estudar com alunos da minha idade e na EJA, não é assim. Aí, eu achei até legal a experiência de estudar com pessoas mais*	*Tipo... Todo mundo acha, assim, que é diferente, né, aí vem pra uma sala cheia de gente mais velha, a gente tava acostumados com umas*

		maduras, que até mesmo ensinava lá... Durante esse ano, foi até legal!	*crianças, né, E assim, é uma gente mais responsável, mais séria, né! Num tem aquelas brincadeira toda.*
Aluno D	*É normal. Na nossa sala tem pouca gente mais velha, acho que nem são tão mais velhas, deve ter uns 25, sei lá.*	*A minha sala não tem gente mais velha, só uns de 20 ou 30. Muito velhos não.*	*As senhoras da minha sala conversam muito, é engraçado porque elas conversam e depois dizem que não entendeu. Mas a gente se dá bem.*
Aluno E	*Não gosto muito não, ficam se metendo na vida da gente, falando coisas, preferia estudar em uma sala com gente só da minha idade, é mais legal.*	*Normal, o povo mais velho não fica muito com a gente, eles ficam no grupo deles.*	*Eles ensinam a gente também, tem umas histórias engraçadas e a gente respeita mais na sala.*

Pergunta 8: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Aluno A	*A escola poderia ser mais divertida, tem muita aula e a gente não tem diversão aqui.*	*Alguns professores poderiam ser melhores. A merenda também, a gente chega com fome e tomar mingau é f...*	*Não, a escola é boa, os professores são bons, só deveria melhorar um pouquinho.*
Aluno B	*Os assuntos poderiam ser mais fácies e os professores poderiam pegar menos pesado com a gente.*	*A gente não tem educação física e em outras escolas tem, a gente podia ter também.*	*A escola deveria ser melhor pros jovens, é um pouco chata.*
Aluno C	*A Eja é uma escola muito boa, principalmente porque a gente faz dois anos em um e adianta os estudos.*	*Não tenho mais nada pra falar não.*	*Podia ter cursos pra gente se capacitar. Tá todo mundo querendo trabalhar, mas não trabalha porque não tem experiência.*
Aluno D	*Poderia ter mais coisas pros jovens.*	*A eja é uma oportunidade pra gente que não pode estudar de dia ou que tá atrasado de ano conseguir recuperar. Acho boa.*	*Tipo assim, tem uns assuntos que não sei se serve pra alguma coisa e aí a gente toma pau porque não entende.*
Aluno E	*Acho que não. Poderia melhorar algumas coisas, mas tá bom assim.*	*Deveria ter ônibus pra todo mundo, porque não tem. Uns tem direito e outros não. Também tem muita bagunça*	*Acho que a diretora deveria pegar mais leve com a gente, parece uma prisão, é muita coisa na cabeça da gente,*

		na escola, podia ter menos bagunça.	*deveria ser mais divertido, somos jovens poxa.*

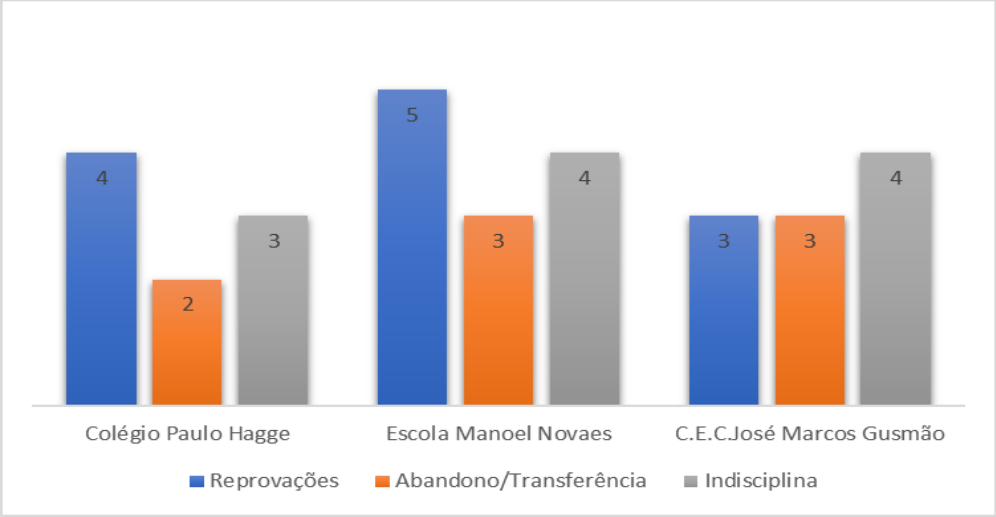
Fonte: Autoria Própria

3.5 INDICATIVOS OBSERVADOS NOS HISTÓRICOS ESCOLARES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

Para verificar possíveis reprovações, desistências/abandonos, transferências e histórias de indisciplina anteriores, foram analisados os históricos e os memoriais dos alunos pesquisados nas três escolas verificadas.

Assim, o gráfico abaixo mostra o resultado encontrado:

Gráfico 4: Número de desistências, reprovações e casos de indisciplina registrado nos históricos dos alunos pesquisados por escola.



Fonte: Autoria própria

Assim, os dados levantados (número de alunos matriculados por escola, depoimentos dos alunos pesquisados e dados dos históricos escolares desses alunos) servirão de base para a nossa análise sobre o fenómeno da juvenilização da EJA no município de Itapetinga-Ba.

CAPÍTULO 4 - UMA ANÁLISE DA REALIDADE DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA-BA

Este capítulo está voltado a uma análise dos dados coletados e dispositivos disciplinares que configuram o fenômeno da juvenilização da EJA, conceituados e

contextualizados nos capítulos anteriores. Aqui faz-se a análise dos conceitos anteriormente trabalhados, acerca das políticas públicas da EJA, o atual fenômeno de juvenilização e sua sedimentação nos espaços escolares analisados. A construção desta parte do estudo foi norteada pelo seguinte problema: O que tem levado jovens cada vez mais jovens a buscarem a EJA no município de Itapetinga-Ba?

4.1 DADOS DO NÚMERO DE ADOLESCENTES MATRICULADOS NA EJA NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA.

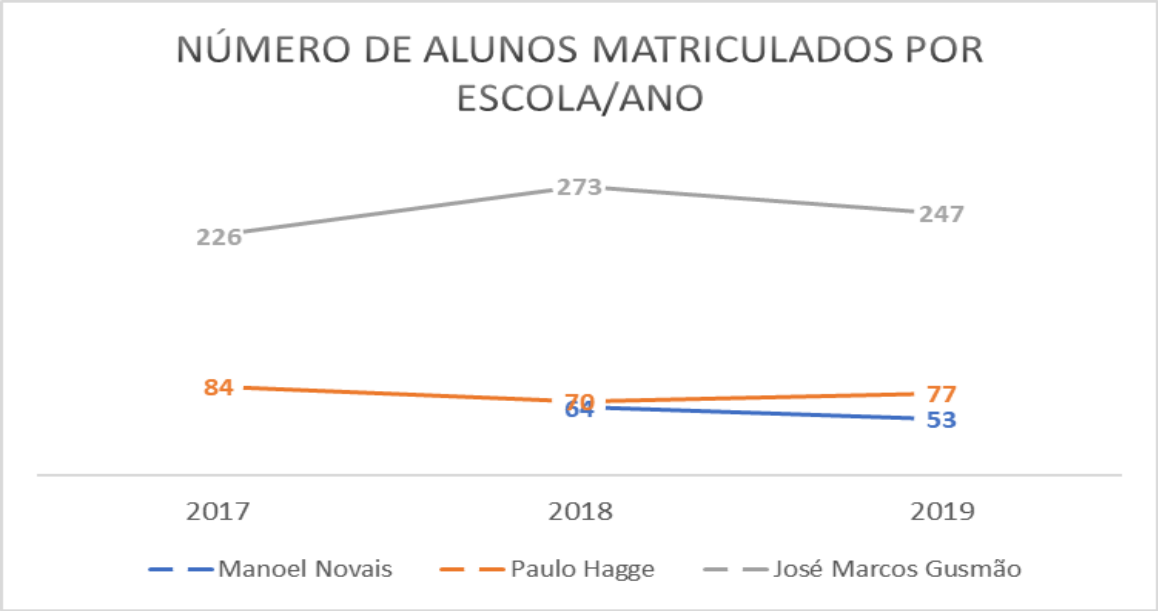
Segundo o IBGE, em 2018, 66. 277 pessoas viviam na zona urbana do município de Itapetinga-Ba. Destes, 19% estavam na faixa entre 15 e 18 anos de idade. Então, podemos concluir que a zona urbana do município de Itapetinga possuía em 2018, uma população 12.592 jovens entre 15 e 18 anos. Neste mesmo ano, segundo dados das secretarias das escolas onde é oferecida a EJA na zona urbana do município, o número de alunos matriculados neste segmento na faixa etária pesquisada foi de 407 alunos.

Como não existem dados que indiquem o número de jovens na idade estudada que se encontram fora da escola no município de Itapetinga, fica impossível verificar a demanda reprimida de jovens entre 15 e 17 anos que necessitam de matrícula no ensino fundamental II.

Tendo por objetivo verificar o maior número de alunos de 15 e 17 anos, iniciei a pesquisa a partir da análise dos dados das turmas, cedidos pelas secretaria das unidade escolares, nos quais constavam as datas de nascimento dos alunos com matrícula ativa naquele momento, 17 de julho de 2019 e nos dois últimos anos anteriores.

Assim, a análise foi realizada os números de alunos matriculados nos anos de 2017, 2018 e 2019, com idade entre 15 e 17 anos, a fim de verificar se esse número tem aumentado ao longo dos anos no município. Como os documentos continham todos os dados escolares dos alunos, foi possível identificar aqueles cuja matrícula tinha sido efetuada em mais de um dos anos pesquisados e assim, estes foram computados apenas em seu primeiro ano de matrícula.

Gráfico 5: Número de alunos matriculados na EJA por escola/ano, com idade entre 15 e 18 anos.



Fonte: Autoria Própria

Verificando o gráfico acima, percebemos que no Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão, o número de alunos matriculados de 15 a 17 anos, cresceu de 2017 para 2018, porém houve uma queda no número de matrículas de 2018 para 2019. No CAIC Paulo Hagge, houve uma queda no número de matrículas de 2017 para 2018 e um leve crescimento desse número de 2018 para 2019. A Escola Manoel Novais, que iniciou as atividades com a EJA no ano de 2018, teve também uma queda no número de alunos de 15 a 17 anos matriculados no ano seguinte.

Porém, se compararmos o número de matriculados de 15 a 17 anos das três escolas estudadas com o número de alunos das demais faixas de idade, no mesmo período, verificamos que os alunos mais novos formaram a maioria dos matriculados em todos os anos nas escolas.

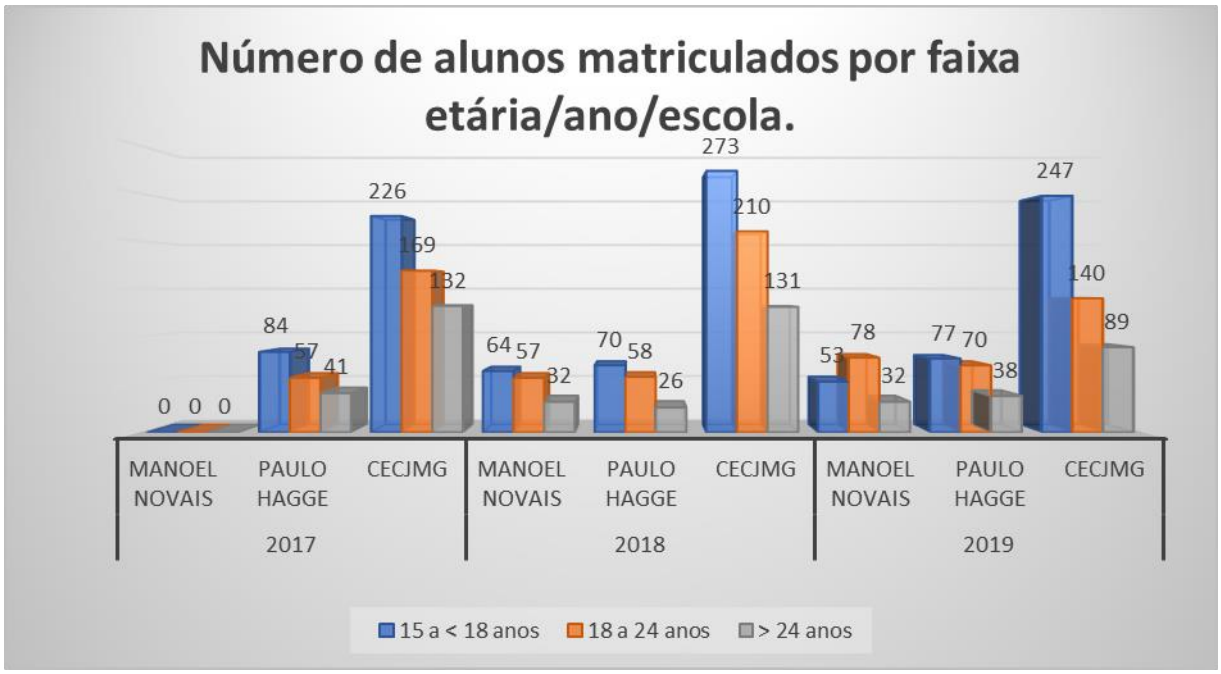
Para padronizar a abordagem das idades, elas foram aqui divididas - em consonância com a padronização adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - nas categorias de faixa etária “até 24 anos” e “acima de 24 anos”.

Segundo Arroyo (2017),

> Todas as políticas sociais, educacionais têm como destinatários os coletivos populares pobres, negros, indígenas, do campo e das periferias. Essa visão da educação como direito subjetivo de todo cidadão é negada nos próprios ordenamentos sobre “o direito dos que não tiveram acesso a ele na idade própria”. (...) Os resultados das avaliações vão destacar e inferiorizar não cada aluno avaliado, mas os coletivos: “os alunos do norte, nordeste inferiores”, “os alunos das escolas públicas com piores resultados...” “Os

> alunos das escolas públicas rebaixam nosso Ideb". Nossa cultura política classista, sexista e racista classifica, segrega não cada indivíduo, mas os coletivos. (ARROYO, 2017, p.115)

Gráfico 6: Número de alunos matriculados por faixa etária/ano/escola.



Fonte: Autoria Própria.

Apenas na Escola Manoel Novais, no ano de 2019, esse número foi menor que no ano anterior, ademais, o número de jovens adolescentes na EJA tem superado e muito o número de adultos. Essa realidade vem revelar de forma mais explicita o grande número de adolescentes que tem chegado à EJA nos ultimos anos em nosso município.

Os dados demonstram que as matrículas de alunos de até 24 anos de idade cresceu em média 10% ao longo dos últimos três anos, enquanto as matrículas de alunos acima de 24 anos de idade diminui no mesmo percentual no período, o que demonstra o crescente processo de juvenilização das turmas de EJA nas escolas da Rede Municipal de Educação da cidade de Itapetinga, reafirmando a tendência apontada pela literatura analisada.

Impossível precisar se o chamado "rebaixamento" da idade mínima de ingresso na EJA, ocorrida a partir da LDB de 1996 foi causa ou efeito da demanda de adolescentes para este segmento educacional. É preciso, contudo, salientar que foi a partir deste texto legislativo que a juvenilização começou a ser discutida.

Percebe-se portanto, no debate das discussões sobra a juvenilização, a legislação educacional salientando e buscando soluções para o problema proporcionado pela interpretação do próprio texto legislativo acerca das idades mínimas da EJA que ocasionou

uma configurção de que a EJA seja sentida e reconhecida como lugar depositário dos adolescentes com insucesso escolar.

Apesar de não ser objeto desse estudo, podemos observar nas tabelas 5,6 e 7 que também nos ciclos da EJA I, II e III ou salas multisseriadas, correspondentes ao Ensino Fundamental Anos Iniciais, nas três escolas analisadas, o número de alunos de 15 a 18 anos foi superior, nos três anos estudados, aos de alunos com mais de 18 anos de idade.

Entretanto, a presença dos jovens no 2º Segmento da EJA (5ª a 8ª séries) é preocupante. O Resumo Técnico do Censo da Educação Básica de 2013 mostrou que:

> …o perfil etário dos alunos dos anos iniciais, no 2º segmento da modalidade EJA, está atualmente superior ao daqueles dos anos finais. Esses resultados indicam que a transição entre essas duas etapas não está ocorrendo de forma contígua (INEP/Ministério da Educação, 2013, p.14).

Uma das hipóteses é que os anos finais do 2º Segmento da EJA (8º e 9º anos) estejam recebendo mais alunos provenientes do Ensino Fundamental II.

Independente da idade, portanto, a Educação de Jovens e Adultos trata sempre deste encontro de gerações, desta intergeracionalidade. O desafio que se materializa é lidar com esta nova configuração, porém sem recusá-la de antemão por ela ser, exatamente, jovem.

E assim, o questionamento inicial se torna cada vez mais necessário e intrigante ao pesquisador: O que tem levado os jovens cada vez mais jovens a buscarem a EJA no município de Itapetinga-Ba? Direitos negados? Falta de políticas públicas mais coerentes e acertivas? Um estado de subcidadania forçada pelos poderes educativos? Negação social? Na busca por estas respostas, escutamos alunos das três escolas pesquisadas.

4.2 UMA ANÁLISE DAS FALAS DOS JOVENS SOBRE A EJA: Dando voz aos jovens da EJA.

A melhoria da educação está no centro da maioria das propostas políticas que visam a transformação do Brasil em um país melhor. Entretanto, sabe-se que as escolas públicas brasileiras, em sua grande maioria, encontram-se com problemas graves de estrutura para a garantia dessa melhoria da qualidade educacional. Essa precariedade encontra-se em todas as esferas estruturais da educação escolar: na estrutura física, curricular, humana e principalmente política.

Atualmente, a Rede Municipal de Educação da cidade de Itapetinga-Ba possui oferta de EJA em apenas 03 das mais de 30 unidades escolares que a compõem. Neste total, a distribuição das turmas vem oscilando, mas no geral acompanhando a queda ou aumento do quantitativo de alunos.

A entrevista foi realizada nas dependências das escolas, com autorização dos seus dirigentes e dos alunos pesquisados, além da assinatura do Termo de Livre Consentimento. O segmento da EJA é oferecido na cidade apenas no turno noturno.

A conversa ocorreu ao longo de três meses (de acordo com a disponibilidade de cada escola), com 15 alunos de turmas de EJA existentes nas Escolas, do ciclo da EJA IV equivalente ao 6º e 7º e do ciclo da EJA V correspondente ao ano 8º e 9º ano. Os alunos foram convidados a falar sobre suas trajetórias escolares, especificamente as circunstâncias de ingresso na modalidade e os atrasos que os levaram até lá. Todos os alunos entrevistados eram menores de 18 anos de idade.

Sabemos que a trajetória de muitos alunos da EJA é marcada pela angústia de não dispor do necessário para o seu desenvolvimento e para concluir, pelo menos, a educação básica. Dessa forma, as delicadezas através das quais os processos de hierarquização, segregação, estigmatização e reprodução de desigualdades no ambiente escolar acontecem, na maioria das vezes, parecem invisíveis e faz-se necessário a (re)significação desse lugar simbólico onde os alunos possam superar o rótulo de fracassados imposto pela comunidade escolar, e retomar sua posição de sujeitos no processo educativo.

Conforme Arroyo (2005),

> A visibilidade com que a juventude emerge nas últimas décadas e seu protagonismo não vem apenas das lacunas escolares, das trajetórias escolares truncadas, mas vêm das múltiplas lacunas a que a sociedade os condena. Sua visibilidade vem de sua vulnerabilidade, de sua presença como sujeitos sociais, culturais, vivenciando tempos da vida sobre os quais incidem de maneira peculiar, o desemprego e a falta de horizontes; como vítimas da violência e do extermínio e das múltiplas facetas da opressão e exclusão social. As carências escolares se entrelaçam com tantas carências sociais (ARROYO, 2015, p. 24).

Ao reconstruirmos a trajetória escolar dos alunos pesquisados, foi feita a seguinte pergunta: *Qual o grau de instrução de seus pais?* Apenas dois alunos responderam que um dos pais terminaram ou chegaram ao ensino médio, os demais alegaram que seus pais não estudaram ou tinha pouco estudo ou não sabiam o grau de instrução dos pais.

> *Meu pai eu não sei, minha mãe terminou. Ela estudou até a quarta série.*
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *Meu pai parou de estudar. Minha mãe tá fazendo a EJA aqui na escola também, mas ela não sabe escrever direito ainda.*
> (Aluno C, 17 anos, EJA V, Escola Manoel Novaes)

> *Minha mãe foi até a oitava série e meu pai eu não sei muito.*
> (Aluno C, 15 anos, EJA V, CECJMG)

Percebemos nas entrelinhas das falas dos alunos pesquisados, uma certa vergonha ou receio ao falar sobre o grau de instrução de seus pais e também a necessidade de justificar essa situação (falta de instrução regular dos pais) com frases como *"estou estudando para ser alguém na vida"*.

Algumas reflexões e dados de pesquisas sobre os significados e as formas de envolvimento dos pais, especialmente das mães, nas trajetórias escolares de seus filhos, nos meios populares, demonstram que, é entre os alunos destes meios sociais que vamos encontrar os índices mais elevados de fracasso escolar. Famílias em que os genitores têm grau de instrução mais elevado propiciam o desenvolvimento de habilidades cognitivas e ambiente social de mais oportunidades.

Considerações à cerca do resultado do Estudo Mobilidade Sócio-Ocupacional, suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2014, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDS), publicado no Correio Brasiliense de 17 de novembro de 2016, informa que o estudo apontou que o grau de escolaridade dos pais é determinante para o nível de instrução e até mesmo para a renda dos filhos.

Segundo a reportagem,

> A pesquisa mostrou que, para 3,49 milhões de pais com curso superior completo, 2,41 milhões de filhos tinham o mesmo nível de educação, ou seja, uma proporção de 69%. Entre mães e filhos na mesma condição, a relação chegava a 64%. Por receberem influência dos genitores, muitos desses filhos, consequentemente, conseguiram se inserir melhor no mercado de trabalho, ganhando um bom salário. Ainda, para 26,44 milhões de pais sem instrução, foram observados apenas 1,06 milhão de filhos com grau superior de escolaridade. Isso significa que apenas 4% dos filhos de pais analfabetos conseguiram cursar faculdade. No caso dos que sofreram mais influência de mães sem qualquer instrução, a proporção dos que chegaram a cursar faculdade foi de 3,9%.[26] (COSTA, 2016)

[26] Informações disponíveis no Correio Brasiliense de 11 de novembro de 2016.

Quanto ao bairro de origem, apenas um aluno informou morar em um bairro central da cidade, os demais são oriundos de bairros ou localidades periféricas caracterizadas como de baixa renda.

A escola contradiz o conhecimento e a cultura de alunos oriundos de áreas mais populares da cidade. Esses alunos tem que reaprender a cultura, a forma de se comportar no novo meio. A escola despreza e desconstrói sua cultura, estigmatizando-os e excluindo-os, pois não se enquadram aos chamados padrões educacionais que ao qual a escola os impõe.

Em relação à pergunta: *O que trouxe você à EJA?* quatro respostas responsabilizaram a instituição escolar anterior:

> *Foi minha professora antiga que falou. Ela que chegou perto de mim falando da EJA. Aí conversou, conversou e fa... Aí falou comigo: pelo tempo que eu perdi, uns dois anos, aí. Eu falei: vô pensar! (...) Eu pensei primeiro.*
> (Aluno A, 17 anos, EJA V, CECJMG)

> *Eu estudava em outra escola, aí eu tomei pau duas vezes, então a diretora disse que eu não podia estudar mais lá.*
> (Aluno B, 16 anos, EJA V, Escola Manoel Novaes)

> *Eu não gostava de estudar e quem não gosta de estudar eles mandam estudar de noite, aí eu vim pra cá.*
> (Aluno D, 16 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *Eu engravidei e desisti no ano que fiquei grávida, aí a diretora falou que pra me matricular no noturno que era melhor.*
> (Aluno E, 17 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

Observamos nas falas dos alunos entrevistados certa “mágoa” por terem sido “excluídos” da escola pela própria escola. Eles demonstraram um desconforto, principalmente em aspectos de natureza afetiva.

Outros alunos têm “vergonha” de frequentar a escola junto com as crianças do Ensino Fundamental, mas, ao mesmo tempo, têm insegurança com relação à EJA. Alguns conservam o medo de fracassar novamente e outros passam a desacreditar em sua própria capacidade de aprendizagem.

> *Eu perdi no sexto três vezes e eu sou grandão, sempre fui grandão, então os meninos do sexto são pequenos, eu não queria ficar na escola, a professora disse que no noturno era melhor, mas eu não acho não.*
> (Aluno B, 15 anos, EJA IV, CECJMG)

Outros alunos, se sentem constrangidos por suas reprovações anteriores e demostram que existem rótulos bem conhecidos dos alunos da EJA que os estigmatizam ainda mais: “atrasados”, “bagunceiros”, “repetentes”, “fracos”. Dessa forma, identificados com o

estigma, os alunos tendem a ter experiências de aprendizagem semelhantes à sua condição, como pode ser percebido nos depoimentos a seguir:

> *Como eu tava perdendo de ano e repeti duas vezes, eu tive que vim pra eja pra tentar passar.*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

> *Eu não conseguia passar, aí eu perdi de ano de novo, então eu tive que vim estudar de noite.*
>
> (Aluno C, 16 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *Eu repeti ano passado e já tinha repetido a 3ª série várias vezes. O aluno que tem que querer estudar e eu não queria nada, não fazia nada, por isso me atrasei, aí tive que vim pra EJA, aí acho bom aqui porque posso fazer logo dois anos em um.*
>
> (Aluno E, 17 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

Conforme Aguiar e Silva *et all* (2017),

> A crescente inserção de jovens nas classes de EJA deve-se a diminuição da idade de 18 para 15 anos, para que esses possam ter acesso na EJA, conforme a Lei 9.394/96. A falta de educação de qualidade, problemas sociais e econômicos e a inserção precoce no mercado de trabalho contribuíram para que os estudantes em tais situações viessem ao fracasso escolar, levando a repetência e a evasão da escola regular, migrando mais tarde para a Educação de Jovens e Adultos. Esses estudantes também apresentando baixo rendimento escolar são considerados como indisciplinados, não aprendem, e antes de terminar seus estudos são excluídos da sociedade (AGUIAR E SILVA, 2017, p.44).

Quando os alunos se perceberem desacreditados ou desacreditáveis, se sentirão desqualificados para a aprendizagem. Com isso, a escola continuará exercendo papel conservador de perpetuar a desigualdade social, já que é a instituição responsável pela produção e pela manutenção da superioridade educacional daqueles que se mostram melhores em rendimento.

Os jovens alunos da EJA, ao se matricularem na escola, trazem consigo suas marcas, sua cultura e, em muitos casos, possuem uma trajetória escolar marcada por desistências e reprovações e, por isso, a legislação prevê especificidades nessa modalidade de ensino. O próprio sistema escolar ignora o que a motivou essas desistências e reprovações e, ao invés de oferecer um acesso democrático a uma competência cultural específica, a escola tende a reforçar as distinções culturais desse público.

Entretanto, sem conseguir levar em consideração as peculiaridades de cada aluno, uma vez que o número de alunos matriculados por turma excede e muito o número de alunos sugerido por lei, o sistema escolar limita o acesso e o pleno aproveitamento dos indivíduos

pertencentes às famílias menos escolarizadas, pois cobra deles de forma homogênea, o que eles não possuem, ou seja, um conhecimento cultural erudito anterior como pré-requisito para assimilar os conteúdos oferecidos por seus currículos extremamente rígidos.

Perguntados se "Gostaria de ter continuado ou voltar a estudar no ensino chamado regular?", obtivemos oito respostas positivas, o que corresponde a 54% dos alunos pesquisados que gostariam de ter continuado no ensino regular, contra 46% que disseram preferir a EJA.

> *Eu sinto saudade de quando estudava de dia. Era melhor.*
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *Eu queria sim, estudar de dia é melhor.*
> (Aluno C, 17 anos, EJA V, Escola Manoel Novaes)

> *Eu queria continuar sim, mas tenho que cuidar de filha durante o dia porque minha mãe trabalha, aí a noite ela fica com ela... minha filha.*
> (Aluno D, 16 anos, EJA IV, CECJMG)

Para os jovens da EJA, o estudar "de dia", parece-lhes uma forma de promoção, de status educacional. Para eles, os alunos que estudam durante o dia, tem maior desempenho educacional e são menos excluídos. Os alunos do dia são os "populares", os bem sucedidos, se comparados a eles, alunos da EJA.

Outro ponto que chamou a atenção quanto às respostas dos entrevistados foi o grande número de alunas que disseram ter procurado a EJA por ter engravidado na adolescência. A falta de orientação sexual tanto na escola quanto no ambiente familiar.

> *Como eu tive uma filha, aí eu tive que parar e não podia mais estudar de dia porque tinha que cuidar de minha filha.*
> (Aluna B, 17 anos, EJA V, Escola Paulo Hagge)

> *Foi por causa da minha filha. Eu não tinha com quem deixar ela, aí tive que trabalhar depois em casa de família.*
> (Aluna D, 16 anos, EJA IV, CECJMG)

> *Eu engravidei e desisti no ano que fiquei grávida, aí a diretora falou que pra me matricular no noturno que era melhor.*
> (Aluna E, 17 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

Souza ett all (2018), estudando os Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez com jovens que finalizaram uma gravidez no primeiro quadrimestre de 2006, quando tinham entre 15 e 19 anos de idade, verificou que 94,4% das jovens afirmaram ter interrompido os estudos em algum momento da vida, das

quais 54,4% abandonaram os estudos. As jovens que trabalhavam e tiveram gravidez recorrente foram as mais propensas a abandonar os estudos. Além disso, conviver com uma renda familiar de até um salário mínimo aumentou as chances de evasão escolar em três vezes.

O grande desafio lançado a escola é o de orientar em relação aos perigos da iniciação sexual precoce e a prevenção de uma gravidez indesejada, visando diminuir a principal causa da evasão escolar das adolescentes abaixo de 20 anos, que é a gravidez precoce. Porém, a família tem um papel importante no desenvolvimento sexual do indivíduo, mas, cabe à escola promover ações educativas que possam despertar a sua criticidade de uma forma mais reflexiva com atitudes conscientes.

Em relação ao futuro, foi perguntado aos alunos: *O que você espera alcançar com seus estudos?* A resposta "estudar para trabalhar" foi unanime. Todos pensam em terminar seus estudos e conseguir melhorar de vida financeiramente através dos estudos e do trabalho. Entretanto, apenas três alunos apontaram um curso de nível superior como alternativa, os demais pretendem terminar apenas o ensino médio (educação básica) e/ou um curso técnico profissionalizante.

> *Fazer uns cursos, arrumar um serviço bom, né! (...) Universidade, penso não. Ah... Sei lá! Diz que é muito difícil. Mas, um SENAI, assim um profissionalizante...*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

> *Tipo assim, vou formar no ensino médio né? Aí vou fazer o superior. Eu quero ser teóloga! Quero formar em teologia. (...) Teólogo estuda religiões, estuda... Tipo assim, símbolos, né? Estuda, tipo assim, o significado de cada coisa.*
>
> (Aluno B, 17 anos, EJA V, Escola Paulo Hagge)

> *Uma coisa que, tipo assim, minha mãe fala que é muito minha cara mesmo é de eu ser veterinária. Porque eu amo os animais, entendeu? Mas, sei lá! Talvez.*
>
> (Aluno D, 16 anos, EJA IV, CECJMG)

> *Talvez arrumar um emprego melhor. Eu faço bico agora, acho que com estudo eu consigo um trabalho de carteira assinada.*
>
> (Aluno E, 17 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

Ao contrário de alguns anos atrás, a EJA deve atualmente preparar seus alunos não só para o mercado de trabalho, mas, para uma infinidade de oportunidades, especialmente para prosseguirem com seus estudos e alcançarem a educação superior. Seus conteúdos devem ser voltados para uma aprendizagem completa e eficaz que dê aos alunos um leque de opções que visem melhorar sua qualidade de vida. O fenômeno da juvenilização vem fazendo

com que os propósitos da Educação de Jovens e Adultos sejam revistos a fim de garantir a esses jovens-jovens, melhores perspectivas em relação ao futuro.

Ao escolherem o caminho da escola, os jovens optam por uma via propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal. Trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os patrões, as condições de acesso e as distâncias entre a casa e a escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. A educação é sem dúvida o grande resgate da cidadania. É só através dela que o mundo se descobre se desmascara. A EJA, dentro deste contexto, é um instrumento de mudança social e pessoal.

O que nos chama à atenção é que a grande maioria dos alunos entrevistados têm clareza de quais são suas perspectivas: buscam melhorar suas vidas através da certificação, buscam através da conclusão do Ensino Médio ou mesmo do curso superior ampliar suas possibilidades profissionais, buscam a manutenção de seus empregos através da certificação exigida pelos empregadores, buscam através do conhecimento adquirido ampliar sua participação na sociedade e ainda há quem busque recuperar o tempo perdido.

Em relação à percepção dos alunos sobre a escola da EJA, foi perguntado: *O que você acha que a escola da EJA, dos conteúdos e da forma de ensinar dos professores?* 60% dos alunos entrevistaram consideram a escola boa. 25% consideram a escola boa, porém tem ressalvas em relação aos professores e/ou conteúdos e 15% não gostam da escola da EJA.

> *A EJA é melhor porque dá pra fazer dois anos em um, O tempo, os dois anos que eu perdi eu recupero.*
>
> (Aluno B, 17 anos, EJA V, Escola Paulo Hagge)

> *Acho muito boa. Estudo mais, porque aqui tem muita gente que estuda né? Gente mais velha, que num fica fazendo bagunçada.*
>
> (Aluno B, 16 anos, EJA V, Escola Manoel Novaes)

> *Num intendo muito o que os professores falam, sei lá, parece que não tão nem aí pra gente. A escola? A escola é chata, prende a gente aqui.*
>
> (Aluno B, 15 anos, EJA IV, CECJMG)

> *Eu acho muito bom. Pensei que não ia gostar, mas gostei. Os conteúdos são um pouco diferentes do dia. Tenho um irmão que estuda a mesma série de dia e é tudo diferente.*
>
> (Aluno D, 16 anos, EJA IV, CECJMG)

Pelos dados colhidos nas entrevistas os alunos foram unanimes em suas respostas, em que os mesmos dizem que a EJA é uma modalidade mais flexível, em que os professores são mais maleáveis em suas dificuldades, como o cansaço e dificuldades com atividades e

etc., apesar de alguns, segundo os alunos, serem muito ríspidos ao ensinar. O número de aulas que é menor e também o tempo de conclusão do curso, o que facilita a conclusão dos estudos daqueles que tem em sua trajetória um histórico de repetências, evasões e desistências escolares.

Para os alunos, o estabelecimento de vínculos afetivos dentro de uma sala de aula modifica o convívio diário e serve como facilitador do processo de ensino e aprendizagem. A influência que o professor tem dentro da sala de aula é grande, pois ele tem a capacidade de cativar ou não seu aluno, sendo a partir deste ponto que o professor vai estabelecer um clima que pode ou não favorecer o processo de ensino e aprendizagem, que se dá especialmente e mais facilmente através de um bom relacionamento entre ambas as parte.

Os alunos apresentam uma visão contextualizada das necessidades da Educação de Jovens e Adultos, relacionadas ao setor administrativo das escolas, mas também aos fatores sociai, metodológicos e didáticos.

O conflito geracional é outro fator importante a ser levado em conta quando estudamos o fenômeno da juvenilização da EJA, visto que alunos adultos ou idosos continuam a frequentar as salas da EJA, mesmo com um número cada vez maior de adolescentes neste segmento da educação básica. E assim, foi perguntado aos alunos: *Como se dá a socialização e a identidade de grupo na sala de aula com colegas de diferentes gerações? (Como você convive com seus colegas mais velhos? Os adultos ou idosos na sala de aula?)*

Em suas respostas, os alunos jovens adolescentes disseram conviver bem com aqueles de mais idade, considerados por eles como “velhos”:

> *O povo mais velho é bom. Eles não fazem bagunça, aí a gente tem que ficar mais quieto também.*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *Normal, o povo mais velho não fica muito com a gente, eles ficam no grupo deles.*
>
> (Aluno E, 17 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

> *As senhoras da minha sala conversam muito, é engraçado porque elas conversam e depois dizem que não entendeu. Mas a gente se dá bem.*
>
> (Aluno D, 16 anos, EJA IV, CECJMG)

Na maioria das vezes, os jovens adolescentes compõem as turmas da EJA com outros educandos adultos, com idades compatíveis com seus pais ou avós. Com isso, é comum vivenciarmos o conflito geracional, uma vez que a heterogeneidade etária, com

indivíduos de gerações diferentes, faz com que os valores apresentados por eles sejam díspares e as formas de enxergar a escola sejam bem diversas. Enquanto o adulto espera uma aula/escola onde o professor seja o detentor do conhecimento, o jovem se mostra mais questionador dos valores impostos pela escola e também pelos alunos mais velhos.

Percebemos na entrevista que, apesar dos jovens afirmarem que convivem bem com os adultos, eles não têm uma visão clara do que seja um adulto ou idoso e remetem um certo desconforto ao conviverem com esses educandos.

> *Não gosto muito não, ficam se metendo na vida da gente, falando coisas, preferia estudar em uma sala com gente só da minha idade, é mais legal.*
> (Aluno E, 15 anos, EJA IV, Escola Paulo Hagge)

> *É difícil, porque fica pedindo pra gente fazer silêncio, já não basta os professores, mas eu os respeito, porque eles aprendem com menos facilidade que a gente.*
> (Aluno A, 17 anos, EJA V, CECJMG)

> *A minha sala não tem gente mais velha, só uns de 20 ou 30. Muito velhos não.*
> (Aluno D, 15 anos, EJA V, Escola Manoel Novaes)

Não há uma fórmula para gerenciar esses conflitos geracionais, visto que todo conflito nasce das divergências de valores e, neste caso, valores juvenis versus valores adultos.

Na rotina vivenciada na escola aparece uma série de situações relacionadas à cultura juvenil: uso indiscriminado de celulares, indisciplina, desrespeito à autoridade de professores e corpo diretivo da escola, descaso com os estudos e com a escola, conflitos com os mais velhos que geralmente desistem da escola por não se adaptarem à convivência com os mais novos, uso de drogas e violência, etc.

O professor deve ser aberto à acolhida destes jovens nas turmas de EJA sendo um estimulador dos demais adultos para receberem este público em suas turmas. É igualmente fundamental propor ao grupo adulto atividades nas quais eles possam tomar contato com as características, valores e linguagens da juventude atual, a fim de que possam desenvolver estratégias de diálogo com este público de forma harmoniosa.

Diferentes gerações convivendo ocorrem desde sempre, mas o tipo de relação que estabelecem entre si é específico para cada época, então, é importante examinar as relações

entre gerações que temos hoje em nossa sociedade, o que há de específico nelas, para assim apreendermos o seu significado histórico.

Ao final da entrevista, foi perguntado aos alunos o mais eles gostariam de falar sobre a escola da EJA: *Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?*

Apesar de todas as respostas relatarem que a escola é boa, em sua grande maioria, 12 dos 15 alunos entrevistados nas três escolas, disseram que poderia melhorar, tanto na estrutura física, administrativa quanto acadêmica:

> *A escola poderia ser mais divertida, tem muita aula e a gente não tem diversão aqui.*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Paulo Hagge)

> *Podia ter cursos pra gente se capacitar. Tá todo mundo querendo trabalhar, mas não trabalha porque não tem experiência.*
>
> (Aluno C, 15 anos, EJA V, CECJMG)

> *Alguns professores poderiam ser melhores. A merenda também, a gente chega com fome e tomar mingau é f...*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Escola Manoel Novaes)

A cultura juvenil da atualidade requer uma escola diferenciada, onde seus valores e conceitos sejam levados em conta no processo educacional e a presença de adolescentes na EJA coloca uma série de questões para o cotidiano da sala de aula e para o processo ensino-aprendizagem. Esses adolescentes na EJA constituem-se, então, num "problema" que instaura a perplexidade e a inquietação na escola. A verdade é que as escolas da EJA e seus profissionais encontraram uma situação para o qual não conseguem vislumbrar caminhos para a construção de soluções.

Arroyo (2005) ressalta a necessidade termos um novo olhar para esses jovens que, são encaminhados para a EJA:

> Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens em tempos e percursos de jovens. Percursos sociais onde se revelam os limites de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito a educação (ARROYO, 2005, p. 23).

O aumento de uma cultura juvenil específica e extraordinariamente forte indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações que frequentam a EJA. A juventude adquiriu "autonomia" como uma camada social separada, tornando-se um agente social independente.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS DOS HISTÓRICOS ESCOLARES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

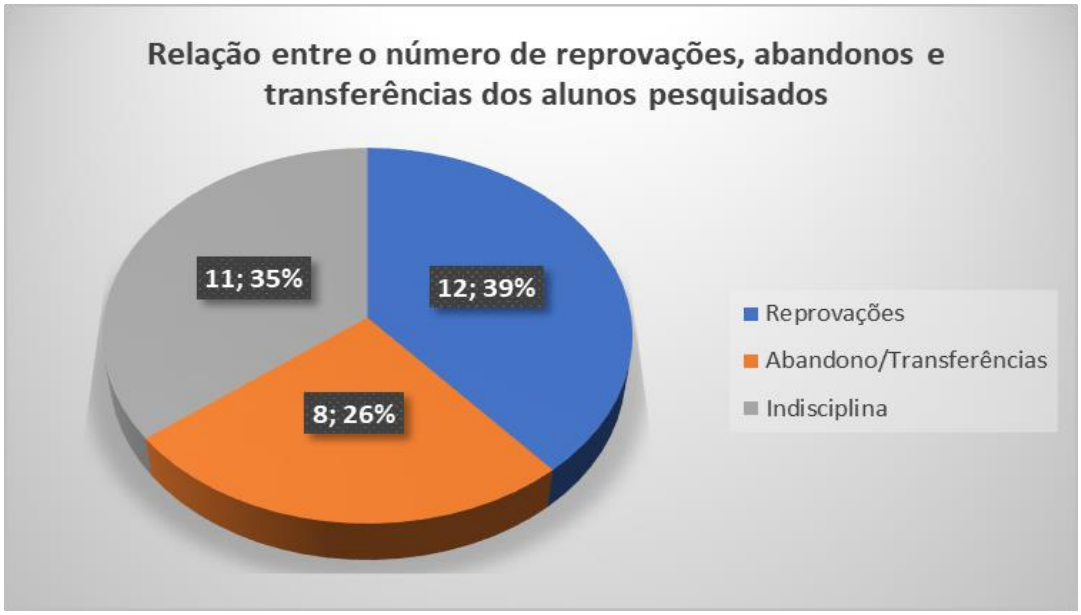
Ao analisarmos o histórico escolar dos alunos entrevistados, com idade entre 15 e 18 anos que frequentam a EJA nas escolas da rede municipal de Itapetinga-Ba, percebemos que a maioria deles se matricularam no segmento da EJA, trazendo uma história de reprovação de um, dois, três anos ou mais e, muitas vezes na mesma série, e/ou histórico de desistências e indisciplina.

Essa constatação vem confirmar de que as trajetórias escolares desses alunos marcadas por reprovações e rupturas aumenta o número de alunos cada vez mais jovens na EJA. Os dados indicam uma estreita relação entre a exclusão precoce do Ensino Fundamental II e a procura da EJA como uma possibilidade de integração social acessível a esses jovens pouco escolarizados.

Com isso, o mais frequente, são jovens que foram “expulsos” das escolas regulares, por motivos mais variados: problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, vulnerabilidades sociais que impedem a frequência ou um desempenho razoável (falta de condições de moradia, violência doméstica, gravidez precoce, etc.).

Dos 15 alunos entrevistados, 12 deles tem histórico de reprovações, 08 possuem histórico de abandonos ou desistências e 11 possuem históricos de indisciplina, e assim, trazendo essa reflexão para o contexto da nossa pesquisa, podemos considerar que grande parte da juventude que foi excluída do Ensino Fundamental II teve uma experiência escolar anterior que pouco contribuiu na construção de sua personalidade juvenil. As recordações negativas, a sensação de incapacidade, fazem com que atribuam a si mesmos a “culpa” pelo fracasso escolar, com um sentimento que vai minando sua autoestima.

Gráfico 07: Relação entre o número de reprovações, abandonos e transferências dos alunos entrevistados.



Fonte: Autoria Própria

Os históricos de reprovações e o peso que isso representa para os alunos, vem causando grande influência no fenômeno da juvenilização da EJA em Itapetinga-Ba, e a "recuperação do tempo perdido" foi fator determinante em todas as entrevistas:

> *Como eu tava perdendo de ano e repeti duas vezes, eu tive que vim pra eja pra tentar passar.*
>
> (Aluno A, 15 anos, EJA IV, Manoel Novaes)

> *Eu parei, não gostava de estudar, então arrumei trabalho e só posso estudar de noite. Tô no Senai.*
>
> (Aluno C, 17 anos, EJA V, Manoel Novaes)

> *Eu não conseguia passar, aí eu perdi de ano de novo, então eu tive que vim estudar de noite.*
>
> (Aluno C, 16 anos, EJA IV, Paulo Hagge)

> *Ah! Porque... Para eu ficar na série mais próxima da onde eu devia estar. Eu já era para tá no segundo grau já. A EJA é como se fosse um ano recuperado pra mim.*
>
> (Aluno E, 15 anos, EJA IV, CECJMG)

Através das diferentes histórias dos alunos e suas relações com a educação e da análise dos históricos escolares, pudemos conhecer as trajetórias dos alunos, buscando entender como vivenciam o processo educativo, que fatores determinam seus fluxos escolares.

Considerando as experiências frustradas da maioria dos jovens que chegam a esse segmento de ensino, após passarem por várias escolas e várias reprovações, é preciso repensar a EJA e as propostas políticas educacionais para ela.

Na tentativa de minimizar as sequelas e ressentimentos desses jovens tão jovens, precisamos nos esforçar enquanto educadores, para tornarmos as experiências de aprendizagem mais significativas. Assim, todos ganharão: a escola, as famílias e, principalmente, os jovens que, mais motivados, serão capazes de sonhar sonhos que alimentem o espírito e deem asas à inteligência.

CAPÍTULO 5 - “CONSIDERAÇÕES *IN*CONCLUSIVAS”,

Ao longo deste trabalho investigativo, buscamos pesquisar o fenômeno da juvenilização da EJA na cidade de Itapetinga-Ba, analisando alguns fatores que influenciam no aumento da procura doa adolescentes por este segmento de ensino.

Para tanto, empreendemos esforços para identificar o perfil dos alunos jovens com idade entre 15 e 18 anos, matriculados na EJA das Escolas Paulo Hagge, Manoel Novaes e Centro Educacional e Cultural José Marcos Gusmão, analisando seus interesses e expectativas ao procurar uma escola que ofereça a EJA.

Para alcançarmos os objetivos propostos no trabalho, adotamos uma metodologia de entrevistas semiestruturadas no ambiente escolar, que nos possibilitou uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa, através do levantamento de seu perfil socioeconômico; sua trajetória escolar, e interesses e expectativas de futuro com relação à vida escolar.

No anseio de identificar os principais fatores que contribuem para o aumento do fenômeno da juvenilização da EJA na cidade de Itapetinga-Ba e a caracterização desse jovem, pudemos perceber um grande número de alunos com idade entre 15 e 18 nos, em todos os ciclos e reconhecer um perfil de aluno da EJA que nunca esteve longos períodos longe da escola, o aluno adolescente, não trabalhador, que foi excluído do Ensino Fundamental II e matriculou-se na EJA em busca de um processo de escolarização mais rápido.

As suas trajetórias foram marcadas por repetências, desistências e históricos de indisciplina que se traduzem numa certa “mágoa” por terem sido “excluídos” da escola pela própria escola e esse desconforto emocional acaba influenciando na aprendizagem.

Muitos ainda conservam o medo do fracasso e outros passaram a desacreditar em sua própria capacidade de aprendizagem, sentindo “vergonha” de estudar entre os alunos mais novos, no Ensino Fundamental II. Ao mesmo tempo, não se sentem à vontade, nem acolhidos, entre os adultos e idosos cada vez mais excessos na Educação de Jovens e Adultos.

Assim, a escola deixa de fazer sentido para os jovens adolescentes da EJA, uma vez que sua história e currículos não condizem com a cultura juvenil trazida por eles. Quando levados a estudarem na EJA, por não se encaixarem no modelo de aluno idealizado pela legislação para o Ensino Fundamental chamado regular, os jovens adolescentes acabam se

inserindo em um segmento educacional que também não se encontra preparado para recebê-los, evidenciando assim, uma dupla exclusão.

Ao ouvirmos os depoimentos dos alunos entrevistados, constatamos que ainda temos que percorrer um longo e árduo caminho para tentarmos diminuir os casos de reprovação nos meios populares, já que o número de retenções e a tentativa de recuperar o "tempo perdido" é um dos principais fatores que levam ao aumento da juvenilização da EJA em Itapetinga-Ba.

Os jovens que hoje se encontram na EJA vivenciaram situações de fracasso na escola quando ainda eram crianças, continuam vivenciando as mesmas situações quando chegam à EJA e tentam superar essas situações de fracasso, com resistência ao que é posto pela própria escola.

Percebemos que a principal causa da juvenilização da EJA no município de Itapetinga é a má interpretação da Lei que determina a idade mínima para a matrícula na EJA, no ensino fundamental, além dos motivos sociais e econômicos que extrapolam os muros da escola.

Na história da Educação de Jovens e Adultos, reconhecemos muitos avanços em nível teórico e legal, mas ainda convivemos com muitas incoerências, que contribuem para a produção do fracasso escolar no interior de nossas escolas: crianças que fracassam na infância, crescem e quando tornam-se adolescentes e jovens e são direcionadas para as salas de EJA e quase sempre, permanecem fracassando, quando não desistem.

É preciso compreender que os alunos da EJA vivenciam problemas diversos, tais como: o preconceito, a discriminação, a vergonha, e as críticas da sociedade. Tais problemas são enfrentados e vivenciados tanto no âmbito social como familiar. Os alunos pesquisados reforçam em seus relatos estas questões.

Assim, podemos dizer que o ensino da EJA acolhe jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar no período certo e que buscam o reconhecimento da sociedade.

Os conflitos geracionais são outro ponto importante nesse fenômeno da juvenilização da EJA e precisam ser revistos e orientados em favor do aprender.

É urgente repensarmos as políticas públicas e, nesse caso específico, as políticas municipais, para que possam contribuir para que a EJA se consolide de fato como uma mudança na vida desses cidadãos, jovens adolescentes, para que tenham uma real inserção no espaço educativo.

Ouvir os jovens que fizeram parte deste estudo, saber dos seus sonhos, suas inquietudes, suas frustrações e seus projetos, possibilitou conhecer um pouco da sua realidade.

Dar a eles a oportunidade de se expressarem foi muito significativo, uma vez que, em muitas situações, eles se sentem discriminados e estigmatizados negativamente. Fica claro na fala desses estudantes, criativos e sensíveis, a busca por um espaço na sociedade que eles acreditam ter por direito e, ao mesmo tempo, a percepção consciente da realidade que os cerca.

Embora essa pesquisa tenha sido feita por meio de metodologia qualitativa e, portanto, seus resultados não possam ser generalizados, acreditamos que a trajetória dos estudantes investigados não difere de tantos outros. Assim como os estudantes da cidade de Itapetinga, milhões de outros jovens de 15, 16 e 17 anos estão sendo transferidos para a EJA, e não podemos ignorar a presença desses jovens adolescentes em nossas salas de aula com currículos adversos às culturas juvenis.

Desejamos que este estudo tenha contribuído para evidenciar alguns desafios da juvenilização da EJA, embora tenhamos consciência de que ainda muitas questões ficam em aberto para futuras e necessárias pesquisas.

Do processo investigativo vieram nossas aprendizagens, a principal de todas: aprender a escutar. Escutamos as informações estatísticas, os teóricos, as leis, os jovens da EJA, e a nós mesmos.

Acredito que os desafios dados pela juvenilização da EJA aos professores e à escola não se resolverão facilmente de uma hora para outra, mas sim através de novas abordagens educacionais, novos olhares e novos dispositivos pedagógicos. Creio também que a intergeracionalidade não seja algo ruim, um problema a ser evitado, mas pode sim ser produtivo tanto aos jovens quanto aos mais velhos, na medida em que se busque “a sabedoria e a experiência uns dos outros.

Ao finalizar este trabalho, fica claro que o tema continua em aberto, mas esperamos que as questões aqui apresentadas possam contribuir de alguma forma, para uma reflexão sobre o lugar do jovem na escola e para tornar a nossa visão sobre os jovens da EJA mais humana, menos desigual, para que eles possam vislumbrar outros caminhos que possibilitem a real inclusão, o respeito e o reconhecimento de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Marcos Lima. **A reforma do ensino médio do governo Temer, a educação básica mínima e o cerco ao futuro dos jovens pobres**. **HOLOS**, [S.l.], v. 8, p. 219-232, dez. 2018. ISSN 1807-1600. Disponível em: http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/7065. Acesso em: 06 set. 2019. DOI:https://doi.org/10.15628/holos.2018.7065

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio.; GIOVANETTI, Maria Amélia.; GOMES, Nilma Lino. (Orgs). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. ISBN: 9788575261507

AGUIAR e SILVA, Graça Maria de Morais; MOURA, Anailsa Alves de; MARTINS, Evaneilde Dourado. **Metodologia do ensino de EJA.** Sobral, CE: Aiamis, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf Acesso em: 26 nov. 2018.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil - 1988**. Disponível em: http://www.trtsp.jus.br/legislacao/constituicao-federal-emendas. Acesso em: jun. 2018.

BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude. **Portal da Juventude**. Governo Federal. Disponível em: http://juventude.gov.br/. Acesso em: 26 nov.2018.

BRASIL**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

BRASIL. **Congresso aprova Plano Plurianual para o período de 2012 a 2015**. Agência Senado. Publicado em 20/12/2011. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/12/20/congresso-aprova-plano-plurianual-para-o-periodo-de-2012-a-2015

CONCEICAO, Leticia Carneiro da. **"ME JOGARAM AQUI PORQUE EU FIZ 15 ANOS"** - Biopolítica da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos em Belém-PA (2010- 2013). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2492316. Acesso em: out.2018.

COSTA, Renato Pontes; TAMAROZZI, Edna. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

COSTA, Rodolfo. **Escolaridade dos pais define instrução e até renda dos filhos.** Jornal Correio Brasiliense [online]. 17/11/2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2016/11/17/internas_economia,557509/escolaridade-dos-pais-define-instrucao-e-ate-a-renda-dos-filhos.shtml Acesso em 06 fev.2019.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. **Transformações nas Políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no Início do Terceiro Milênio: Uma Análise das Agendas Nacional e Internacional**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago., 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00197.pdf Acesso em ago. 2019.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA. Orlando.; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, nov. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf. Acesso em: dez. 2018.

DI PIERRO, Maria Clara. **A Invisibilidade da Alfabetização e EJA na agenda do governo Bolsonaro.** Ação Educativa. Revista Carta Capital [online]. 16/05/2019. Disponível em https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-invisibilidade-da-alfabetizacao-e-eja-na-agenda-do-governo-bolsonaro/. Acesso em 18 fev. 2020.

DUARTE, Marcelo Laranjeira. **"Juvenilização na EJA"**: Reflexões sobre juventude(s) e escola no Município de Angra dos Reis. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Duque de Caxias- Rede Sirius - UERJ 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta /trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3299036. Acesso em: out. 2018.

FERNANDES, Anoel. Métodos de pesquisa em educação. **Revista educação e política em debate**. V. 4, Nº 1, Jan/Jun-2015. Universidade Federal de Uberlândia - MG. Pag. 187 a 215. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/ revistaeducaopoliticas/index. Acesso em: dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, UNESP, 2000. ISBN: 85-7139-291-2. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17339. Acesso em: 06 abr.2019.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf** . Vitória, ES | v. 1 | n. 2 | p. 88-110 | jul./dez. 2015. Disponível em: http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/viewFile/81/64. Acesso em: abr.2019.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. São Paulo ANPEd, **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai.-ago. 2000, p. 108-130. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07. Acesso em: mar. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2017** (PDF). Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itapetinga. Acesso em: 26 de nov. 2018.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo** Escolar. Disponível em: http://inep.gov.br/web/guest/censo-escolar. Acesso em: 29 nov. 2018.

ITAPETINGA. Lei 1275/15. **Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Itapetinga-BA**: desafios e perspectivas para a próxima década. Prefeitura Municipal de Itapetinga. Disponível em: http://www.itapetinga.ba.gov.br/secretarias/educacao-e-cultura/ Acesso em: 22 jun. 2015.

LEMOS, Amanda Guerra de. **"Despeja na EJA**": Reflexões Acerca da Migração Perversa de Jovens para o PEJA no município do Rio De Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UNIRIO. 2017 Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/ consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6062577. Acesso em: mar. 2019.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Ed. Centauro, 2005.

MEC, Ministério da Educação do Brasil. **Presidenta anuncia a oferta de 2 milhões de vagas para cursos gratuitos no PRONATEC**. Portal de Notícias do MEC. Publicado em 09/03/2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=34611 Acesso em ago.2019.

PASSOS, Letícia. **Um estrago silencioso na educação.** Revista VEJA [online]. 16/08/2019. Disponível em: https://veja.abril.com.br/educacao/um-estrago-silencioso-na-educacao/. Acesso em 18 fev. 2020.

RBA. Rede Brasil Atual. **Governo Temer mira ensino à distância e mais cortes na educação.** Publicado por Redação RBA 03/04/2018. Disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2018/04/governo-temer-mira-ensino-a-distancia-e-mais-cortes-na-educacao/ Acesso em 05 set.2019

SOARES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula Ferreira. **Formação de Educadores na Educação de Jovens E Adultos (Eja): Alinhavando Contextos e Tecendo Possibilidades**. Rev.Educ., Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 251-268, dezembro de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000400251&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 de set. de 2019. http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698161277

SOUSA, Carolina Rodrigues de Oliveira et al. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 160-169, jun. 2018. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2018000200160&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 fev. 2020. https://doi.org/10.1590/1414-462x201800020461.

SPOSITO, Marília Pontes e CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.24, pp.16-39. ISSN 1413-2478. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300003 Acesso em ago.2019.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO– PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Pesquisadora: Juscilene Silva Oliveira
Documento de identidade: 0523376855
Sexo: F (x) M ( )
Data de nascimento: 05/09/1971
Endereço: Rua c, 68, Vila Erika, Itapetinga-Ba

II – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

O (A) senhor (a) está convidado (a) para participar da pesquisa cujo o título é: O FENÔMENO DA JUVENILIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITAPETINGA-BA, de responsabilidade da pesquisadora Juscilene Silva Oliveira, discente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação - PPGEd, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, que tem como objetivos: a) analisar o processo de juvenilização no segmento da EJA no município de Itapetinga – Ba, b) o que tem levado os jovens cada vez mais jovens a procurarem a Educação de Jovens e Adultos, c) as consequências desse fenômeno de juvenilização para o ensino da EJA

Os benefícios da pesquisa:

O fenômeno da juvenilização da EJA tem intrigado os docentes, uma vez que estes encontram dificuldades para lidar com esta nova caracterização da EJA por falta de formação específica. Riscos como desconforto e constrangimento, poderão ocorrer, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos. Para realização desta será utilizada a pesquisa de abordagem qualitativa, Como instrumentos/técnicas para aquisição de informações, será utilizada entrevista semiestruturada, que será realizada em local e horário previamente estabelecido entre pesquisadora e pesquisado, gravada em áudio e análise de documentos. A pesquisa acontecerá a partir de setembro de 2019. Esta pesquisa produzirá conhecimentos que poderão ser utilizados por outros professores ou pesquisadores do tema. Caso o (a) Senhor (a) aceite participar deste procedimento investigativo, por meio deste, está ciente que serão registradas em diários escritos e gravações, e categorizados pela discente pesquisadora Juscilene Silva Oliveira. Devido a esses procedimentos, poderá sentir-se constrangido (a) ou desconfortável. Assim sendo, sua participação é voluntária, não havendo nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Sua identidade será preservada e estará sob sigilo, portanto, o Sr. (a) não será identificado. Caso queira, poderá desistir a qualquer momento de

participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Qualquer dúvida que o Senhor (a) apresentar, será esclarecida pela pesquisadora. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, o Senhor (a) tem direito a indenização caso se sinta prejudicado por esta pesquisa. O Senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde constará os contatos da pesquisadora para o caso de dúvidas sobre o projeto e sua participação nesta pesquisa**,** em qualquer momento.

III – INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Prof.ª Juscilene Silva Oliveira, Tel: (77) 988118757 – Email: jusciso@gmail.com

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 1º SUBSOLO, EDIFÍCIO Ex- INAN – Unidade II – Ministério da Saúde CEP: 70.750-521 – Brasília - DF

IV – CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa O Fenômeno da Juvenilização na EJA na Rede Municipal de Ensino de Itapetinga, e por ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identidade não seja realizada e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra via, à mim.

Itapetinga - Ba, _____de _____ de 2019

_____

Assinatura do participante da pesquisa

_____

Assinatura do pesquisador discente

APÊNDICE 2 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO– PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Eu, _____, autorizo o (a) pesquisadora Juscilene Silva Oliveira a desenvolver nesta instituição de Ensino_____ _____, na qual sou gestora, o projeto de pesquisa intitulado: O FENÔMENO DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ITAPETINGA-BA, que será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Itapetinga-Ba, ___ de _____ de 2019

_____
GESTOR DA EJA NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PESQUISADA
Assinatura e carimbo

APÊNDICE 3 – QUESTÕES DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO– PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DA PESQUISA O FENÔMENO DA JUVENILIZAÇÃO DA EJA NA REDE MUNICIPAL DE ENSIONO DE ITAPETINGA - BA

PESQUISADORA: Juscilene Silva Oliveira

Qual o grau de instrução de seus pais?

Em que bairro da nossa cidade você mora?

O que trouxe você a EJA?

Gostaria de ter continuado ou voltar a estudar no ensino chamado regular?

O que você espera alcançar com seus estudos?

O que você acha que a escola da EJA, dos conteúdos e da forma de ensinar dos professores?

Como se dá a socialização e a identidade de grupo na sala de aula com colegas de diferentes gerações?

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?